



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Ana Cláudia da Costa Ávila (e-mail: avila_ana18@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de especialização Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização Psicologia Forense, sob a orientação de Professora Doutora Isabel Maria Marques Alberto

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Este estudo expõe uma investigação realizada entre estudantes de várias universidades do país acerca da violência entre parceiros íntimos associada ao consumo de substâncias (álcool e drogas). No que diz respeito à violência, conclui-se que está bastante presente e aceite entre os participantes da amostra, adquirindo um carácter psicológico e recíproco no que concerne à perpetração e vitimização destes comportamentos violentos e ao género dos envolvidos.

Quanto ao consumo de álcool e outras drogas, verificou-se a sua relação com a violência na intimidade e identificou-se um conjunto sólido de indivíduos adeptos destes consumos. Isto leva à necessidade de salientar o risco de violência nas relações de intimidade entre esta população dada a sua proximidade destas substâncias, pelo que será importante investir na prevenção e intervenção, inicialmente no que diz respeito a estas dependências e, posteriormente, à ocorrência de violência entre parceiros íntimos.

Palavras chave: violência entre parceiros íntimos, consumo de substâncias, estudantes universitários

Intimate Partner Violence: analysis of the relationship with drug and alcohol abuse in an university students sample

This study exposes an investigation conducted between students of Portuguese's universities about intimate partner violence associated with substances (alcohol and drug) abuse. Conclude that the violence is quite present and accepted in the sample, acquiring a psychological and reciprocal character when it concerns the perpetration and victimization of these violent behaviors and gender involved.

Regarding the alcohol and other drugs use, verified its relationship with the intimate violence and identified a solid set of individuals followers of these abuses. This leads to the need to emphasize the risk of violence in intimate relationships among this population because the proximity of these substances. Thus, will be important invest in prevention and intervention, in regard of these dependencies and after of occurrence of intimate partner violence.

Key Words: intimate partner violence, substances abuse, university students

Agradecimentos

À família, pelo apoio incondicional.

Às amigas da faculdade, Dalila, Eva e Maria pela amizade e pela presença, na alegria e no desânimo.

Ao Isaac que, pelo apoio e paciência, foi essencial para terminar este projeto.

A todos aqueles que, de alguma forma, estiveram presentes durante a minha vida acadêmica.

E finalmente à Doutora Isabel Alberto, pela orientação e boa disposição.

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| I – Enquadramento Conceptual..... | 1 |
| 1.1. Violência entre parceiros íntimos..... | 1 |
| 1.2. Consumo de substâncias (drogas e álcool) e violência entre parceiros íntimos..... | 5 |
| II – Objetivos..... | 10 |
| III – Metodologia..... | 10 |
| 3.1. Descrição da amostra..... | 10 |
| 3.2. Instrumentos de Avaliação..... | 11 |
| 3.2.1. Questionário de dados sociodemográficos..... | 12 |
| 3.2.2. The Revised Conflit Tactic Scales (CTS-2)..... | 12 |
| 3.2.3. The Drug Use Disorders Identification Test (DUDIT)..... | 13 |
| 3.2.4. The Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)..... | 13 |
| 3.3. Procedimentos de investigação..... | 14 |
| IV – Resultados..... | 14 |
| 4.1. Vivência prévia de violência e consumos (álcool e drogas)..... | 14 |
| 4.2. O abuso psicológico é o mais reportado na população universitária..... | 15 |
| 4.3. O abuso nas relações íntimas ocorre mais em reciprocidade do que em exclusividade..... | 17 |
| 4.4. Há uma relação positiva significativa entre o consumo de álcool e outras drogas e a violência entre parceiros íntimos..... | 18 |
| 4.5. O consumo de álcool/droga revela-se mais severo em indivíduos que mantêm violência entre parceiros íntimos..... | 20 |
| 4.6. Há diferenças de género na associação da violência na intimidade com o consumo de substâncias (álcool e drogas)..... | 21 |
| V – Discussão..... | 22 |
| VI – Conclusão..... | 25 |
| Bibliografia..... | 26 |

Introdução

A violência entre parceiros íntimos é um complexo problema social e de saúde pública (Stalans & Ritchie, 2008) de consequências devastadoras para a vítima, tanto a nível físico como psicológico.

Desde os anos 80, os estudos científicos com parceiros violentos foram estendidos a vários contextos relacionais, como é o caso das relações de namoro, que parece ser cada vez mais comum, pelo registo da sua prevalência, reciprocidade (Paiva & Figueiredo, 2004) e aceitação de certas formas, chegando mesmo a ser interpretada por muitos como uma manifestação de amor (Glass et al., 2003; Henton et al., 1983). É a violência existente neste tipo de relações que será foco de estudo neste trabalho e que, ao longo do enquadramento conceptual será abordada de forma mais pormenorizada, com base na literatura disponível.

Neste estudo abordam-se ainda, os fatores de risco da violência nas relações de intimidade, bem como a tipologia que engloba um leque de comportamentos agressivos, incluindo várias dimensões de acordo com o tipo e severidade da agressão, frequência e impacto emocional e físico (Klostermann, Mignone, & Chen, 2009).

Posteriormente, numa tentativa de perceber o que leva agressores e vítimas a envolverem-se nestes padrões de violência, procura-se analisar a relação entre o consumo de drogas e álcool e a violência na intimidade, como já tem sido documentada por diversos autores (Testa, Livingston, & Leonard, 2003).

Desta forma, pretende-se contribuir para a compreensão desta temática em Portugal em estudantes do ensino superior, uma população específica.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Violência entre parceiros íntimos

A violência entre parceiros íntimos tem sido alvo de uma crescente preocupação social e é considerada, cada vez mais, um grave problema social e de saúde pública (Stalans & Ritchie, 2008), que constitui a maior causa de ofensa e morte em países como os Estados Unidos da América (Mignone, Klostermann, & Chen, 2009).

A Organização Mundial de Saúde (2012) define a violência entre parceiros como qualquer comportamento no seio de uma relação de intimidade que causa dano físico, psicológico ou sexual, abrangendo atos físicos agressivos, abuso psicológico, relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual, bem como comportamentos controladores (associados ao *stalking*), tais como isolar a vítima da sua família e amigos ou limitar o seu acesso a informação e assistência.

Os fatores de risco de violência entre parceiros íntimos apontados pela Organização Mundial de Saúde (2012) incluem baixo rendimento económico, idade jovem, diferenças de género, sucesso académico reduzido, envolvimento em comportamentos agressivos e delinquentes na Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

adolescência, historial de violência na família de origem, fatores culturais e determinadas características de personalidade. A associação positiva entre psicopatologia e o aumento do risco de violência na intimidade é igualmente evidenciada por autores como Gortner et al. e Holtz-worth-Munroe et al. (1997, como citados em Parrott, Drobles, Saladin, Coffey, & Dansky, 2003; Mignone, Klostermann, & Chen, 2009). Além disto, o consumo excessivo de álcool tem sido fortemente associado à perpetração da violência na intimidade, embora seja debatido se este é uma razão para os homens serem violentos ou se é usado como desculpa e minimização deste tipo de comportamento (OMS, 2012).

A nível familiar há, igualmente, um conjunto de fatores de risco para a violência. Como referem Gelles e Straus (1988), um perfil de violência na intimidade deve incluir pelo menos três dimensões: (1) a organização da família em geral; (2) as características particulares das famílias; e (3) os padrões temporais e espaciais da violência na intimidade ou seja, quando e onde é mais provável que a violência ocorra. A violência entre parceiros íntimos pode ocorrer no seio do casamento, entre parceiros de relações duradouras ou casuais, bem como entre ex-companheiros depois de a relação ter terminado (Stevens, Korchmaros, & Miller, 2010). Apesar de estar mais socialmente associada à perpetração por parte do homem contra a mulher, a violência entre parceiros íntimos pode ser exercida também pela mulher contra o homem, ser mútua, ou entre parceiros do mesmo sexo e ocorre em todas as faixas etárias, sendo que o seu impacto na saúde mental e física de ambos é destacado por muitos autores (Caridade & Machado, 2006; Chang et al., 2010; Herrenkohl, Kosterman, Mason, & Hawkins, 2007; Krebs et al., 2011; Lipsky, Caetano, & Roy-Byrne, 2011; Mignone et al., 2009; Paiva & Figueiredo, 2003; Schneider, Burnette, Ilgen, & Timko, 2009).

A OMS (2002) referencia como consequências da violência entre parceiros íntimos, as lesões físicas, desordens gastrointestinais, síndromas de dor crónica, depressão e comportamentos suicidas, desordens ginecológicas e incapacidades de aprendizagem e de trabalho. Ansiedade, abuso de substâncias e perturbação de stress pós-traumático são, igualmente, apontados como consequências da vitimação de violência doméstica (Swan, Gambone, Caldwell, Sullivan, & Snow, 2008) e, adicionalmente, o insucesso escolar e ideação suicida no caso de violência entre parceiros íntimos na população juvenil (Caridade & Machado, 2006). O aumento da ideação suicida tem sido, cada vez mais, associado à perpetração e à vitimação do abuso físico no contexto da violência entre parceiros íntimos (Chan, Straus, Brownridge, Tiwari, & Leung, 2008).

A tipologia da violência entre parceiros íntimos engloba um leque de comportamentos agressivos com várias dimensões em função do tipo e severidade da agressão, da frequência e do impacto emocional e físico (Klostermann, Mignone, & Chen, 2009).

Michael Johnson (2005; 2006) distinguiu quatro tipos de violência entre parceiros íntimos: “terrorismo íntimo”, “resistência violenta”, “controlo violento mútuo” e “violência comum de casal”.

O “terrorismo íntimo” diz respeito à violência que é exercida de modo

a controlar o outro sendo, segundo o autor, o tipo de violência íntima mais violento e mais relacionado com atitudes relativamente ao género. Tem sido descrito como um padrão de perpetração unilateralmente violento, predominantemente cometido pelo homem contra a mulher, o qual está mais associado à existência de ofensas (Hines & Douglas, 2012).

O termo “resistência violenta” era geralmente referido como “autodefesa” pelo facto de, segundo a sua definição comum, ocorrer como uma reação imediata a uma agressão, com a intenção da autoproteção da vítima. Embora frequentemente a “resistência violenta” cumpra a definição comum de autodefesa, Kelly e Johnson (2008) descrevem esta tipologia de violência entre parceiros íntimos como a real possibilidade de, quer o homem quer a mulher numa tentativa de cessar a violência ou torná-la a favor de si próprios, reagirem violentamente para com o parceiro, que tem um padrão de violência de controlo coercivo, também denominado de “violência caracterológica” ou “terrorismo íntimo”.

Nestes dois tipos de violência entre parceiros íntimos verifica-se uma assimetria de género, ao contrário dos restantes, pautados pela simetria relacional.

O “controlo violento mútuo” caracteriza-se pela existência de comportamentos controladores e violentos por ambos os elementos da relação íntima. Friend, Bradley, Thatcher, e Gottman (2011) denominam este conceito como “violência situacional do casal” que diz respeito à agressão física entre parceiros que constitui violência de baixo nível, naturalmente recíproca e menos frequente. A investigação focada neste tipo de violência tem mostrado que padrões mutuamente violentos estão associados a uma maior ofensa do parceiro do que padrões unilateralmente violentos, como é o caso do “terrorismo íntimo” (Marcus, 2012).

Por último, a “violência comum de casal” resulta numa escalada de um conflito no casal, sendo que não é exercida com o objetivo de controlar o outro (Johnson, 2005; 2006).

Além destes tipos de violência, Kelly e Johnson (2008) sugeriram outro, denominado “violência ativada pela separação”, que se refere à violência que emerge no contexto de separação do casal, quando não existe história anterior de violência por parte do parceiro na relação íntima ou noutras situações. Este tipo de violência limita-se a um ou dois episódios no início ou durante o período de separação, sendo que o parceiro que foi deixado e que está em choque pela ação do divórcio/separação por parte do outro apresenta uma maior probabilidade de ser o perpetrador.

Os estudos científicos com parceiros violentos, inicialmente conduzidos com casais casados foram, desde os anos 80, estendidos a outros contextos relacionais, nomeadamente casais heterossexuais em coabitação, parceiros homossexuais e relações de namoro. A literatura tem vindo, de igual modo, a reconhecer que a violência na intimidade não se limita às mulheres e que os homens também podem ser vítimas.

Em Portugal este fenómeno tem recebido pouca atenção científica e social (Machado & Matos, 2012) e é frequentemente associado a padrões violentos unilaterais perpetrados pelo homem contra a mulher,

negligenciando-se que o contrário também ocorre.

A violência nas relações de namoro (mais predominantemente presente entre estudantes do ensino superior) parece ser cada vez mais comum e tem sido considerada um problema social significativa, tendendo por isso a ser foco de um crescente número de estudos. Num estudo português (Machado, Caridade, & Martins 2010) foi reportado por 25.4% dos participantes pelo menos um ato de abuso perpetrado por um parceiro de namoro (13.4% vítimas de abuso físico e 19.5% de abuso emocional) e 30.6% dos participantes indicaram terem sido, também, abusadores de um parceiro, reportando 18.1% pelo menos um ato de abuso físico e 22.4% abuso emocional. É de realçar que a violência psicológica, além de mais frequente (Feiring, Deblinger, Hoch-Espada, & Haworth, 2002; Scott & Straus, 2007), juntamente com os comportamentos controladores, é considerada como mais difícil de identificar (Norris, Huss, & Palarea, 2011). É mais provável que estes comportamentos ocorram entre pessoas que não estão muito tempo juntas, podendo funcionar como um prolongamento da violência entre parceiros íntimos depois da relação terminar (Melton, 2012). Todavia, Bergman (1992) menciona que a violência sexual e física são as mais reportadas nos estudantes universitários. Também Frazier e Seales (1997), num estudo em contexto universitário, identificaram 21% das mulheres como vítimas de violação, perpetrada maioritariamente (86%) por conhecidos ou namorados das mesmas.

Paiva e Figueiredo (2004) encontraram, igualmente, valores elevados de perpetração autoreportada de abuso psicológico (53.8%), coerção sexual (18.9%) e abuso físico menor (16.7%) entre estudantes universitários portugueses, surgindo como mais frequente a perpetração por parte de ambos os elementos da relação e não apenas por um, fato consistente com outras pesquisas (Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983; Straus & Gozjolko, 2007). Isto, possivelmente, deve-se ao aumento da probabilidade de um indivíduo ser reciprocamente violento a partir do momento em que o parceiro o foi (Henton et al., 1983), sugerindo a inexistência de diferenças entre sexos no que diz respeito à perpetração da violência na intimidade, embora alguns estudos relatem que existem diferenças deste tipo (Thompson, Sims, Kingree, & Windle, 2008). A agressão mútua parece ser característica de casais recentemente casados, que experienciam baixos níveis de agressão física (Cantos, Neidig, & O'Leary, 1993).

No geral, a prevalência de experiências de abuso no relacionamento íntimo no início da idade adulta varia entre 25% e 45%, valores significativamente superiores ao abuso no relacionamento entre um casal casado, que varia entre 10% e 15% (Duarte & Lima, 2006). No entanto, tem-se sugerido que este abuso tende a iniciar-se durante o namoro e a perpetuar-se no casamento (Duarte & Lima, 2006), o que revela uma necessidade urgente de intervenção e prevenção. Apesar desta prevalência, alguns estudos revelam que os jovens têm uma desaprovação geral do uso da violência (Machado et al., 2010), quer sejam vítimas ou não vítimas, agressores ou não agressores (Machado, Matos, & Moreira, 2003),

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Ana Ávila (e-mail:avila_ana18@hotmail.com) 2013

considerando mesmo a violência no namoro um grande problema (Knickrehm & Teske, 2000, como citado em Nabors, Dietz, & Jasinski, 2006). Contudo, esta desaprovação coexiste com a aceitação de certas formas e em certas situações, chegando a ser interpretada, por uma considerável percentagem de jovens (25%-35%), como uma manifestação de amor (Glass et al., 2003; Henton et al., 1983). Numa pesquisa com uma amostra da população universitária, os resultados mostraram que os estudantes do sexo masculino e de anos de formação mais iniciais são mais tolerantes à violência (Machado, Matos, & Moreira, 2003) contudo, a aceitação de alguns comportamentos violentos ocorre, igualmente, entre casais casados (Straus, Kantor, & Moore, 1997).

1.2. Consumo de substâncias (drogas e álcool) e violência entre parceiros íntimos

Segundo a OMS (2009), o envolvimento no consumo de drogas pode aumentar o risco de se ser vítima e/ou perpetrador de violência enquanto que, por outro lado, experienciar violência pode aumentar os riscos de iniciar o uso de drogas ilícitas. Os consumos de drogas e álcool são mencionados como associados à vitimação e perpetração da violência entre parceiros íntimos. O aumento da taxa de consumos (consumo excessivo de álcool, uso de marijuana e de tabaco) é uma característica relevante do período desenvolvimental imediatamente após o ensino secundário. É nesta fase que as relações românticas constituem uma importante influência no uso de drogas (Fleming, White, & Catalano, 2010) e no consumo de álcool.

Testa, Livingston e Leonard (2003) associaram o consumo de marijuana e drogas pesadas ao aumento da probabilidade de experienciar violência nas relações. O estudo de Wong, Weiss, Ayala, e Kipke (2010) com jovens do sexo masculino que têm sexo com homens, referencia a violência física entre parceiros íntimos como um preditor do uso de drogas. El-Bassel, Gibert, Wu, Go, e Hill (2005) encontraram resultados que sustentam que a experiência de violência entre parceiros íntimos aumenta a probabilidade do subsequente consumo frequente de drogas, numa amostra de mulheres que se encontrava a receber metadona.

Têm sido propostas três explicações teóricas para a relação entre consumo de drogas e violência. Em primeiro lugar, o uso de drogas a nível psicofarmacológico tem sido ligado à violência; como resultado da ingestão a curto ou a longo prazo de substâncias específicas, os indivíduos podem experienciar mudanças na função fisiológica que, num estado não intoxicado, restringem o comportamento violento. Em segundo lugar, a droga associada à violência pode estar relacionada com questões económicas, em que os indivíduos adictos ou dependentes de substâncias ilícitas cometem crimes, incluindo agressões, como um meio de conseguir financiar o seu consumo. Finalmente, a violência pode ser uma parte inerente do mercado de drogas ilícitas, no qual é utilizada de modo a forçar o pagamento de dívidas, resolver a competição entre revendedores e como forma de punir informantes (OMS, 2009). No entanto, é importante referir que pessoas que vivem numa cultura que suporta o uso de droga ou a

participação na venda de drogas ilegais, apesar de apresentarem mais probabilidade para “entrar” na violência entre parceiros íntimos, não o fazem necessariamente. A relação entre consumir drogas ilícitas e violência entre parceiros íntimos aparece no estudo de Stalans e Ritchie (2008) como não sendo determinada pelo fato de o ambiente ser facilitador do uso de droga.

O tipo de droga aparece, de igual modo, associado com a probabilidade de ocorrência de violência entre parceiros íntimos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2009) diferentes tipos de drogas ilícitas têm diferentes efeitos, pelo que algumas drogas podem estar mais relacionadas com a violência na intimidade do que outras. Esta associação é corroborada por alguns estudos, como de Stalans e Ritchie (2008) no qual a cocaína e a heroína se mostraram mais consistentemente associadas com a violência entre parceiros íntimos do que os restantes tipos de drogas. Noutro estudo, Parrott et al. (2003) verificaram que, entre indivíduos dependentes de cocaína, a presença de Perturbação de Stress Pós-Traumático potencia a perpetração de violência entre parceiros íntimos.

Considerando que os jovens adultos solteiros apresentam taxas mais altas de uso de substâncias do que os casados (Fleming et al., 2010), Claros e Sharma (2012), numa pesquisa com 199 estudantes universitários, verificaram que 2% reportaram ter consumido marijuana pela primeira vez aos 10 de idade ou mais novos, e 82% entre os 14 e os 16, substância que se revelou significativamente correlacionada com a habilidade para regular e manejar emoções.

O álcool é apontado, de igual modo, como um facilitador do comportamento agressivo (Bushman & Cooper, 1990) e tem sido a droga mais comumente associada à vitimação e perpetração da violência entre parceiros íntimos (Field, Caetano, & Nelson, 2004; Herrenkohl et al., 2007; Kantor & Straus, 1987; Weinsheimer et al., 2005, como citado em Mignone et al., 2009) e mais especificamente à violência física entre os mesmos (Hines & Straus, 2007; Kantor & Straus, 1987; Tumwesigye, Kyomuhendo, Greenfield, & Wanyenze, 2012). O consumo de álcool tem sido mencionado pela OMS (2006) como o maior contributo para este tipo de violência, defendendo que o seu consumo aumenta a ocorrência e a severidade da violência doméstica, tal como o consumo de outras drogas (OMS, 2009).

Um estudo levado a cabo por Agante (2009) sobre os hábitos e comportamentos relacionados com o consumo de álcool em estudantes do ensino superior de Aveiro, Coimbra e Leiria durante as festas académicas, revelou que os jovens têm o primeiro contacto com as bebidas alcoólicas entre os 12 e os 17 anos de idade, e a primeira embriaguez ocorre por volta dos 16 anos. O consumo de álcool nas relações íntimas afeta diretamente as funções físicas e cognitivas, reduzindo a capacidade de controlo e de resolução de problemas sem utilização da violência, e pode agravar dificuldades financeiras, infidelidade, entre outros, aumentando o risco de violência entre os parceiros, dado o conflito e tensão relacionais.

As crenças (pessoais e sociais) de que o álcool causa a agressão podem encorajar o comportamento violento depois do consumo e levar ao seu uso como uma desculpa para a violência (OMS, 2006). Um estudo de Dermen e

George (1987) sugeriu mesmo que indivíduos que se tornam agressivos quando bebem, fazem-no em parte porque acreditam ou esperam que o álcool vai conduzir a que o sejam. Esta associação entre o consumo de álcool e a violência na intimidade tem sido, assim, motivo de controvérsia, devido à sua utilização como desculpa para o indivíduo ser violento (Hirschel, Hutchison, & Shaw, 2010), com menor sentimento de culpa, punição e vergonha, devido ao fato de ser apontado como uma potencial causa da agressão conjugal, perspectiva que permaneceu até aos anos 70 do séc. XX (Leonard, 2002) e mantém-se, ocasionalmente, nos dias atuais.

Hines e Straus (2007), numa pesquisa com estudantes universitários, encontraram diferenças na associação entre o consumo de álcool e a violência física considerando o local onde esta ocorre, sugerindo que esta associação será fraca em sítios onde o consumo é considerado um comportamento normativo. Pelo contrário, em culturas onde o consumo de álcool é desviante e socialmente desaprovado, a associação com comportamentos violentos será mais forte.

Leonard e Quigley (1999, como citado em Klostermann et al., 2009) descreveram três modelos explicativos da coocorrência de episódios de consumo de álcool e violência entre parceiros íntimos. No “spurious model” a relação entre o uso de álcool e violência entre parceiros íntimos é vista como uma consequência destas variáveis, ambas com origem em qualquer outra influência. O “indirect effects model” considera o alcoolismo crônico prejudicial para as relações íntimas mas é a discordância na relação que conduz à violência entre os parceiros íntimos. Por último, o “proximal effects model”, defende que a violência é potencialmente facilitada pela intoxicação por consumos de álcool.

Muitas pesquisas têm, então, estabelecido que o uso/abuso de álcool e a violência entre parceiros íntimos coexistem. De 20% a 50% dos incidentes reportados à polícia envolvem um perpetrador que tinha consumido álcool. O uso desta substância está frequentemente presente em homicídios por violência entre parceiros íntimos (Stalans & Ritchie, 2008). Relativamente ao tipo de álcool, alguns estudos revelaram que este está associado com o aumento da exposição à violência, nomeadamente o elevado grau de álcool (associado ao baixo custo económico) tem um efeito significativo na incidência e aumento da severidade da violência (Chavira, Bazargan-Hejazi, Lin, Pino, & Bazargan, 2011).

Assim, o uso de substâncias (álcool/droga) é um fator comum na violência entre parceiros íntimos, independentemente do sexo do perpetrador (Stevens et al., 2010), tendo sido considerado como preditor significativo de violência entre parceiros íntimos por vários estudos, embora o uso de drogas ilícitas seja um preditor mais forte, em comparação com o álcool (Stalans & Ritchie, 2008). Downs, Miller, e Panek (1993) verificaram que as mulheres que consomem substâncias apresentam maior probabilidade de se tornarem vítimas em comparação com aquelas que não consomem. Além disto, a violência entre parceiros íntimos tende a ser experienciada e perpetrada nas formas mais severas em relações entre casais casados afetados pelo consumo excessivo de álcool (Wiersma, Cleveland, Herrera, & Fischer, 2010). O

consumo de álcool prévio ao casamento é um dos preditores mais fortes para a presença de agressão por parte do par no primeiro ano de casamento (Quigley & Leonard, 1999).

Entre estudantes universitários do sexo masculino, Simons et al. (2008 como citado em Hines & Douglas, 2012) verificaram que a vitimação de violência entre parceiros íntimos está associada a taxas elevadas de consumo de álcool e drogas, e a uma maior probabilidade de se envolverem em comportamentos sexuais de risco (Simons, Gwin, Brown, & Gross, 2008). Contudo, Hines e Douglas (2012) não encontraram suporte para o abuso de álcool como preditor de vitimação de violência entre parceiros íntimos.

As diferenças de gênero continuam a ser bastante mencionadas mas pouco consensuais, quer a nível da prevalência da vitimação e perpetração da violência entre parceiros íntimos, quer no que respeita à sua associação com o consumo de substâncias (álcool e drogas). Apesar de as mulheres serem reconhecidas como substancialmente mais propensas para serem vítimas deste tipo de violência, estudos têm igualmente revelado o contrário. Lindsay (2012) reporta que, apesar de alguns homens serem perpetradores, a maioria é mesmo vítima. Curandi, Caetano, Clark e Schafer (1999 como citado em Fals-Stewart & Kennedy, 2005) verificaram que os casais em que a mulher tem problemas relacionados com o consumo de álcool tinham seis vezes mais probabilidade de vivenciar episódios de violência entre parceiros íntimos de mulher para homem, em comparação com os casais em que a mulher não tinha consumos excessivos de álcool.

Apesar da ambivalência no que respeita aos contornos da ocorrência da violência na intimidade e embora não seja uma condição necessária para a sua existência, o consumo de substâncias neste contexto parece desenrolar-se num círculo vicioso no qual o seu uso aumenta a probabilidade de ocorrer violência que, por sua vez, também favorece o aumento posterior de consumos (Herrenkohl et al., 2007).

Em relação à denúncia dos abusos às autoridades por parte das vítimas, existem inúmeros estudos que mostram que menos de metade reportam o incidente à polícia ou aos médicos, quer se trate de agressão sexual ou outro tipo de violência na intimidade, o que dificulta a obtenção de taxas de prevalência (Ahrens, Isas, Rios-Mandel, & Lopez, 2010). Este silêncio é apontado pelos mesmos autores como resultado de crenças sobre os papéis de gênero, sobre o casamento, a importância dada aos laços familiares, os tabus relacionados com o sexo, o respeito pela autoridade, a falta de recursos na comunidade e o medo de represálias violentas. Entre os adolescentes é mais comum que falem acerca da violência com o grupo de amigos (Henton et al., 1983). No estudo de Black e Weisy (2003) apenas 17% recorreram às mães, 10% aos pais e 2% aos professores. Posto isto, é necessário investir na prevenção da violência entre parceiros íntimos, nomeadamente junto dos adolescentes, uma vez que se têm mostrado como um grupo de alto risco a nível da vitimação e da perpetração de abuso (seja físico ou emocional), também devido ao fato de se encontrarem numa fase desenvolvimental caracterizada por novas descobertas e experiências, incluindo as relações de intimidade e os consumos de substâncias (álcool e

drogas). Esta prevenção passa por uma ação coletiva (Leander, 2002), na medida em que a violência entre parceiros íntimos se trata de um problema de saúde e um crime público, no qual o tradicional provérbio “entre marido e mulher não meta a colher” não deve ser referência. A prevenção da violência nas relações de intimidade passa por uma consciencialização da sociedade e por uma desmistificação das crenças enraizadas, de uma forma geral, na sociedade. Em Portugal, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima tem investido nestas iniciativas, nomeadamente junto dos estudantes universitários, através do projeto UniSexo, criado pelo gabinete da cidade de Coimbra, com o objetivo de sensibilizar a população universitária relativamente à violência sexual neste contexto.

Ao nível da intervenção, alguns autores defendem que os tratamentos para o abuso de substâncias em geral (Klostermann, Kelley, Mignone, Pusateri, & Fals-Stewart, 2010; Murphy & Ting, 2010), e especificamente para o consumo de álcool (Kantor & Straus, 1987; Pérez-Díaz & Huré, 2011; Taft et al., 2010) podem ser considerados um importante elemento de resposta, diminuição e prevenção da violência entre parceiros íntimos. Wilson-Cohn, Strauss, e Falkin (2002) consideram que os programas destinados a consumidores do sexo feminino devem enquadrar a história de vitimação destas mulheres e tentar aumentar a sua consciência acerca do ciclo de abuso que possa ter ocorrido nas suas famílias, uma vez que estas tendem a aceitar o abuso como uma consequência de terem sido abusadas em crianças ou por existir na família outra mulher que também foi vítima deste tipo de violência. Além disto, fornecer educação formal e emprego remunerado às mulheres pode auxiliar na redução da violência física entre parceiros íntimos contra as mesmas, na medida em que se promove a sua autodeterminação (Jewkes, 2002; Kaya & Cook, 2010). Um maior nível de instrução pode conferir um maior poder social e uma maior habilidade para utilizar os recursos que estão disponíveis na comunidade para lidar e cessar com problemas como a violência na intimidade.

A respeito da alegada eficácia dos tratamentos do abuso de substâncias na diminuição da violência entre parceiros íntimos, Klostermann et al. (2010) realçam algumas das respostas típicas dadas a este tipo de violência por estes programas de tratamento de abuso de substâncias. Salientam, além do próprio tratamento, o encaminhamento para programas de intervenção na violência doméstica, a terapia conjunta, e a terapia comportamental de casal para alcoolismo e abuso de substâncias. Fowler (2009) evidencia ainda a necessidade de uma multivariabilidade de serviços, aquando do tratamento de mulheres vítimas de violência por parte do parceiro íntimo. A literatura mostra-se ambivalente a respeito da eficácia e utilidade destes tratamentos, o que limita a determinação das melhores práticas de intervenção para indivíduos que mantêm consumos de substâncias (álcool e drogas) e violência entre parceiros íntimos, simultaneamente.

Práticas de intervenção de qualidade são urgentes, na medida em que é conhecido o alto risco de repetição e manutenção da violência entre parceiros íntimos (Kuijpers, Knaap, & Winkel, 2012). No entanto, é de

salientar que é consensual a ideia da pertinência de intervenção não só junto das vítimas mas também dos perpetradores (Barner & Carney, 2011).

II - Objetivos

O estudo da violência entre parceiros íntimos em indivíduos que não se encontram casados ou em união de fato tem-se mostrado reduzido, contribuindo para o conhecimento limitado e contraditório acerca da problemática da violência nas relações de namoro e a sua associação ao consumo de substâncias (álcool e drogas). Assim, os objetivos deste estudo são perceber as causas que levam a estes comportamentos violentos e analisar a prevalência da violência entre parceiros íntimos na referida população, bem como caracterizá-la em função da severidade e tipo de agressão. Pretende-se estudar o impacto e a relação entre os consumos e a violência na intimidade nos participantes na amostra, analisando de igual forma a influência da variável Sexo dos participantes nesta relação (como agressores ou vítimas).

Deste modo, as hipóteses formuladas são:

H1 - O abuso psicológico é o mais reportado na população universitária (Feiring, Deblinger, Hoch-Espada, & Haworth, 2002; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Paiva & Figueiredo, 2004; Scott & Straus, 2007).

H2 - O abuso nas relações íntimas ocorre mais em reciprocidade do que em exclusividade (Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983; Straus & Gozjolko, 2007).

H3 - Há uma relação positiva significativa entre o consumo de álcool e outras drogas e a violência entre parceiros íntimos (Field, Caetano, & Nelson, 2004; Herrenkohl, Kosterman, Mason, & Hawkins, 2007; Hines & Straus, 2007; Kantor & Straus, 1987; Mignone, Klostermann, & Chen, 2009; Tumwesigye, Kyomuhendo, Greenfield, & Wanyenze, 2012).

H4 - O consumo de álcool/droga revela-se mais severo em indivíduos que mantêm violência entre parceiros íntimos (Testa, Livingston, & Leonard, 2003; WHO, 2009).

H5 - Há diferenças de género na associação da violência na intimidade com o consumo de substâncias (álcool e drogas) (Curandí, Caetano, Clark, & Schafer, 1999 como citado em Fals-Stewart & Kennedy, 2005; Thompson, Sims, Kingree, & Windle, 2008).

III - Metodologia

3.1. Descrição da amostra

A recolha de dados para a concretização do presente estudo foi realizada entre estudantes do ensino superior português atualmente numa relação de intimidade, resultando numa amostra de 311 sujeitos de idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos ($M=21.66$; $DP=3.15$), sendo 239 Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

sujeitos do sexo feminino (76.8%) e 72 do sexo masculino (23.2%) e a maioria de nacionalidade portuguesa (97.7%). A generalidade dos sujeitos encontra-se solteira (97.4%), numa relação de namoro há dois anos (18.8%) e a frequentar o 4º ano do curso superior (31.6%) (ver Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

| | N | Percentagem % |
|--|-----|---------------|
| Sexo (N=311) | | |
| Feminino | 239 | 76.8 |
| Masculino | 72 | 23.2 |
| Nacionalidade (N=310) | | |
| Portuguesa | 303 | 97.7 |
| Outras | 7 | 2.2 |
| Estado Civil (N=311) | | |
| Solteiro | 303 | 97.4 |
| Casado | 3 | 1.0 |
| Divorciado | 1 | 0.3 |
| União de facto | 4 | 1.3 |
| Ano escolar que frequenta (N=310) | | |
| 1º | 45 | 14.5 |
| 2º | 81 | 26.1 |
| 3º | 59 | 19.0 |
| 4º | 98 | 31.6 |
| 5º | 27 | 8.7 |

É de salientar que os sujeitos foram agrupados em 4 categorias distintas consoante as áreas de estudos. Assim, a Tabela 2 mostra que a maioria dos sujeitos da amostra frequenta o curso de Psicologia (40.0%) e cursos de engenharias (31.9%). As restantes duas categorias correspondem a ciências sociais e humanas e outros cursos diversificados.

Tabela 2. Áreas de Estudos (N=310)

| | N | Percentagem % |
|----------------------------|-----|---------------|
| Psicologia | 124 | 40.0 |
| Ciências Sociais e Humanas | 50 | 16.1 |
| Engenharias | 99 | 31.9 |
| Outros | 37 | 11.9 |

3.2. Instrumentos de Avaliação

O protocolo aplicado¹ de modo a testar as hipóteses do presente

¹ O protocolo, aplicado em conjunto com mais duas colegas de tese de mestrado, inclui, além dos referidos instrumentos, o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (Alarcão, Alberto, Correia, & Camelo, 2007) e o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (Alberto, Alarcão, Camelo, & Correia, 2007).

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Ana Ávila (e-mail:avila_ana18@hotmail.com) 2013

estudo foi acompanhado por uma declaração de consentimento e é constituído por um questionário de dados sociodemográficos, as CTS-2 *The Revised Conflict Tactic Scales* (Straus et al., 1996; Alexandra & Figueiredo, 2006), o DUDIT *The Drug Use Disorders Identification Test* (Berman, Bergman, Palmstierna, & Schlyter, 2002; Domingues & Palma, 2006) e finalmente, o AUDIT *The Alcohol Use Disorders Identification Test* (WHO, 1989).

3.2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos

Este questionário permite recolher um conjunto de informações sociodemográficas do sujeito bem como acerca dos seus cuidadores. Possibilita ainda obter o historial de violência e consumo de substâncias de ambos, sendo que o consumo atual do participante é também recolhido. Por último, este questionário permite compreender a aceitação da violência entre o casal e a desculpabilização da mesma quando sob efeito de substâncias.

3.2.2. The Revised Conflict Tactic Scales (CTS-2) (Straus et al., 1996; Alexandra & Figueiredo, 2006)

A CTS-2 é uma escala de autorresposta para avaliar o modo como os casais resolvem os seus conflitos, através de estratégias de negociação ou de abuso, analisando a presença de vários tipos de abuso: a) abuso físico sem sequelas; b) agressão psicológica; c) abuso físico com sequelas; e d) coerção sexual. É composta por 39 itens agrupados em pares de questões relativas ao participante e ao seu companheiro, constituindo um total de 78 perguntas. Permite contabilizar as ocorrências por parte de ambos durante o último ano, contendo oito categorias de resposta, sendo que as primeiras seis determinam a prevalência e a cronicidade no último ano e as restantes a prevalência global (Alexandra & Figueiredo, 2006).

A prevalência indica o número de casos em que se verifica um ou mais atos que compõem cada uma das escalas para um período de tempo circunscrito e a cronicidade indica a frequência de ocorrências durante o último ano (Alexandra & Figueiredo, 2006).

Estas escalas permitem um total de 30 resultados possíveis: 5 escalas com duas classificações para o tipo de agente (sujeito ou companheiro) e as mesmas 5 escalas com 3 níveis de severidade (ligeiro, severo e total) (Alexandra e Figueiredo, 2006).

No presente estudo e relativamente à perpetração da violência entre parceiros íntimos, através da análise da consistência interna (*alpha de Cronbach*), podemos verificar que a escala de abuso físico com sequelas é a que apresenta valores de precisão mais elevados ($\alpha = .892$), seguida das escalas negociação ($\alpha = .848$), abuso físico sem sequelas ($\alpha = .827$), agressão psicológica ($\alpha = .732$) e coerção sexual ($\alpha = .716$) (ver Anexo I, Tabela 3). Desta forma, as escalas na presente amostra apresentam valores mais elevados de consistência interna do que o estudo de Alexandra e Figueiredo (2006) no qual a escala de abuso físico sem sequelas concentra valores mais elevados ($\alpha = .78$), seguida da negociação ($\alpha = .73$), agressão psicológica ($\alpha = .68$), coerção sexual ($\alpha = .56$) e abuso físico com sequelas ($\alpha = .50$).

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Por outro lado, no que se refere à vitimização (ver Anexo I, Tabela 4), a escala de abuso físico com sequelas apresenta novamente os valores de prevalência mais elevados ($\alpha = .903$), seguida da escala de negociação ($\alpha = .845$), abuso físico sem sequelas ($\alpha = .838$), agressão psicológica ($\alpha = .714$) e, por último, coerção sexual ($\alpha = .649$), ao contrário do estudo de Alexandra e Figueiredo (2006) que, tal como na perpetração, é o abuso físico sem sequelas ($\alpha = .74$) que apresenta valores superiores de alpha de Cronbach, seguido das escalas de negociação ($\alpha = .71$), agressão psicológica ($\alpha = .64$), coerção sexual ($\alpha = .51$) e abuso físico com sequelas ($\alpha = .47$).

Desta forma, o CTS-2 apresenta valores de consistência interna entre aceitáveis e elevados.

3.2.3. The Drug Use Disorders Identification Test (DUDIT) (Berman, Bergman, Palmstierna, & Schlyter, 2002; Domingues & Palma, 2006)

Este é um instrumento de autorresposta constituído por 11 itens que pretendem analisar os padrões de consumo de drogas e problemas relacionados com o mesmo, com o objetivo de identificar indivíduos que os possuem. Este teste surgiu como um complemento ao AUDIT (Berman et al., 2005), apresentado de seguida.

A pontuação máxima deste instrumento corresponde a 44 pontos, sendo que as respostas aos itens 1-9 são cotados com 0 (“Nunca”), 1 (“Uma vez por mês ou menos frequentemente”), 2 (“2 a 4 vezes por mês”), 3 (“2 a 3 vezes por semana”) ou 4 (“4 vezes por semana ou mais frequentemente”) pontos e os itens 10 e 11 são cotados com 0 (“Não”), 2 (Sim, mas não durante o último ano”) ou 4 (“Sim, durante o último ano”). Os participantes do sexo masculino com 6 ou mais pontos têm, provavelmente, problemas relacionados com drogas. Por outro lado, o ponto de corte para as mulheres é de 2 pontos (Berma net al., 2005).

Na análise da consistência interna na amostra em estudo, o DUDIT apresentou um bom valor de precisão ($\alpha = .840$) (ver Anexo I, Tabela 5).

3.2.4. The Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) (WHO, 1989)

O AUDIT é um instrumento de autorresposta que pretende identificar, de forma simples, indivíduos com consumo excessivo e/ou dependência de álcool proporcionando, assim, um quadro de intervenção para estes sujeitos. É constituído por 10 questões relativas a problemas relacionados com álcool, consumo recente e sintomas de dependência e identifica quatro níveis de risco, crescentes quanto à intensidade do consumo.

Tal como o DUDIT, este instrumento apresenta um total possível de 40 pontos, sendo que os itens 1 a 8 fornecem respostas cotadas numa escala de 0 a 4, enquanto os itens 9 e 10 são cotados com 0, 2 ou 4 pontos.

No que respeita aos resultados, pontuações de 1 a 7 são consideradas “consumos de baixo risco”, de 8 a 19 são definidas como “consumo nocivo/abuso” e, por último, pontuações entre 20 e 40 correspondem a

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

“consumo problemático” (WHO, 2006)

É ainda de referir que este instrumento é consistente com as definições de dependência de álcool e consumo abusivo de álcool presentes na CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a saúde) (WHO, 2006).

O AUDIT mostrou um valor de precisão aceitável ($\alpha = .712$) tal como se havia verificado no estudo de Agante (2009) (ver Anexo I, Tabela 5).

3.3. Procedimentos de investigação

A amostra do presente estudo foi recolhida em parceria, para a realização de mais duas teses, através da coordenação com alguns departamentos da Universidade de Coimbra, nomeadamente do Pólo II, com a Faculdade de Psicologia da mesma universidade, bem como por pesquisa individual de cada aluna, junto de estudantes do ensino superior.

A quando do pedido de administração do protocolo, foram explicados a todos os participantes os objetivos da investigação e salientado o caráter voluntário e confidencial da mesma.

Para analisar os resultados obtidos foram utilizadas estatísticas descritivas, no que se refere à caracterização da amostra, bem como testes de estatística inferencial recorrendo ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17.0.

Previamente foi feita a análise das qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados no presente estudo a nível da consistência interna, que se mostraram medidas válidas e precisas, dados os seus valores de *alpha de Cronbach*.

IV - Resultados

4.1. Vivência prévia de violência e consumos (álcool e drogas)

De acordo com as respostas ao Questionário Sociodemográfico, no que concerne à experiência de violência dos participantes durante a infância ou adolescência, 108 reportaram terem sido vítimas de castigos físicos por mau comportamento em casa, sendo que a maioria refere ter sido raramente (87%). De salientar que 13 (4.2%) participantes reportaram castigos físicos por parte do pai/cuidador, 31 (10.0%) por parte da mãe/cuidadora, 58 (18.7%) por ambos e 5 (1.6%) por parte de outros familiares. Estes valores são mais elevados do que os da violência verbal com insultos e humilhações por parte dos cuidadores, referida por 49 sujeitos (15.8%), sendo a maioria com uma frequência rara (12.6%). A vivência de atos sexuais contra a vontade do participante foi reportada por 4 deles, apenas 1 com grande frequência (0.3%) e os restantes ocasionalmente (1.0%) (ver Anexo II, Tabela 6).

Relativamente à história familiar, os participantes testemunharam durante a infância/adolescência mais violência verbal entre os cuidadores, 28 deles com grande frequência (9.1%) e 78 raramente (25.3%), ao contrário dos abusos físicos com agressões, que foram reportados como existindo com grande frequência apenas por 3 (1.0%) e por 25 participantes como ocorrendo raramente (8.1%). A existência de agressão sexual e maus tratos Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

de outro tipo entre os cuidadores foram mencionados por 1 e 7 (2.3%) participantes, respectivamente (ver Anexo IV, Tabela 10).

Em relação à vitimação em contexto escolar, por parte de professores ou outros educadores, a violência física é mais reportada do que a verbal, sendo a primeira relatada por 38 (12,25%) participantes e a última por 22 (7,1%) (ver Anexo II, Tabela 7).

Quanto às substâncias consumidas pelos participantes, o álcool é a mais reportada (n=250, 80.4%), seguido de marijuana (11.9%) e haxixe (10.3%). Os sedativos são menos usados (0.3%), sendo que a totalidade indicou não consumir heroína, crack, metadona e anfetaminas (ver Anexo III, Tabela 8). É ainda de referir que nenhum dos participantes realizou qualquer tratamento relacionado com problemas com álcool e/ou drogas.

Atualmente, 67 dos 250 participantes reportaram terem terminado o consumo de álcool, 19 já não consomem marijuana, valores aproximados ao consumo de haxixe que deixou de ser usado por 14 dos 32 participantes. Relativamente ao primeiro consumo destas substâncias, parece haver uma tendência para o seu início aquando da entrada para a faculdade.

No que diz respeito aos consumos de álcool e drogas por parte dos cuidadores, são mais referidos para o pai do que para a mãe sendo que, em ambos, o álcool é mais frequentemente consumido. É ainda de referir que o tabaco e a medicação são as drogas mencionadas como consumidas pelas cuidadoras. Por outro lado, os cuidadores consomem, além das drogas mencionadas nas cuidadoras, heroína e haxixe (ver Anexo IV, Tabelas 11 e 12).

De acordo com as respostas aos itens do Questionário Sociodemográfico, a maioria dos participantes não desculpabiliza a violência física ou verbal numa relação de casal quando o agressor está sob o efeito de álcool ou drogas. Contudo, de acordo com as respostas dos participantes, o consumo de anfetaminas torna a violência menos compreensível/aceitável (82.8% de respostas “Nunca”), enquanto o consumo de álcool foi considerado como tornando este tipo de violência mais compreensível/aceitável (18.4% de respostas afirmativas de compreensão) (ver Anexo III, Tabela 9).

4.2. Da análise da H1 “O abuso psicológico é o mais reportado na população universitária, no que diz respeito ao CTS-2, analisando a perpetração dos diferentes tipos de abuso e da negociação (Tabela 13), 25% dos respondentes reporta um ou mais atos das escalas abuso físico sem sequelas e 3,8% refere abuso físico com sequelas; 21,9% referenciaram coerção sexual e 87,5% assinalam agressão psicológica. A negociação emocional (94.9%) e cognitiva (94.9%) são mais referidas pelos participantes da amostra.

Quanto à vitimação, 28,3% dos participantes reportam terem sido vítimas de abuso físico sem sequelas, e 4,1% referiram abuso físico com sequelas; 16,2% referenciaram coerção sexual e 94,7% assinalam agressão psicológica. Tal como na perpetração, a negociação emocional (94,9%) e

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

cognitiva (94,8%) apresentam valores mais elevados de prevalência.

Tabela 13. Prevalência da violência no namoro, considerando a severidade, perpetração e vitimização

| | Perpetração | | Vitimização | |
|------------------------------------|---------------|-----------------|---------------|-----------------|
| | n (%) | M (DP) | n (%) | M (DP) |
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | 58 (20.5) | 0.35 (0.884) | 69 (24.2) | 0.42 (0.945) |
| Severo | 14 (4.8) | 0.09 (0.615) | 12 (4.1) | 0.09 (0.623) |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | 9 (3.1) | 0.04 (0.265) | 9 (3.1) | 0.04 (0.265) |
| Severo | 2 (0.7) | 0.03 (0.33) | 3 (1) | 0.03 (0.334) |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | 180 (67,7) | 1.66 (1.499) | 194 (72,7) | 1.94 (1.540) |
| Severo | 57 (19.8) | 0.24 (0.554) | 63 (22.0) | 0.29 (0.64) |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | 59 (20.5) | 0.27 (0.591) | 45 (15.5) | 0.20 (0.536) |
| Severo | 4 (1.4) | 0.03 (0.341) | 2 (0.7) | 0.03 (0.329) |
| Negociação | | | | |
| Emocional | 261 (94.9) | 2.76 (0.715) | 261 (94.9) | 2.76 (0.709) |
| Cognitiva | 258 (94,9) | 2.16 (0.826) | 254 (94,8) | 2.22 (0.824) |

Atendendo à hipótese formulada, é de referir que a seguir aos valores percentuais da negociação, a agressão psicológica é a mais referenciada, quer na perpetração quer na vitimização. Desta forma, nesta amostra de estudantes universitários, o abuso psicológico é o mais reportado.

Quanto à cronicidade do abuso e negociação (ver AnexoV, Tabela 14), considerando a amostra total e no que respeita à perpetração, a escala de negociação emocional (M=48.04; DP=23.958) é a tática mais persistente entre os participantes da presente amostra, seguida da negociação cognitiva (M=27.78; DP=16.5). Entre as diferentes formas de abuso, a mais reiterada é a agressão psicológica ligeira (M=9.04; DP=14.109) e a coerção sexual ligeira (M=2.33; DP=7.274), sendo a coerção sexual severa (M=0.03; DP=0.329) e o abuso físico com sequelas ligeiro (M=0.07; DP=0.585) os

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Ana Ávila (e-mail:avila_ana18@hotmail.com) 2013

menos referidos.

Em relação à vitimização, a negociação emocional (M=46.92; DP=23.821) é igualmente a estratégia de resolução de conflitos mais frequente entre os participantes, seguida de igual modo, pela negociação cognitiva (M=26.61; DP=16.226). Quanto às formas de abuso, o físico com sequelas severo (M=0.03; DP=0.330) e a coerção sexual severa (M=0.04; DP=0.355) são as táticas menos repetidas pelos sujeitos da amostra, e a agressão psicológica ligeira (M=7.38; DP=12.173) e a coerção sexual ligeira (M=2.73; DP=7.866) são, tal como na perpetração, os tipos de abuso mais frequentes.

No total, tanto para a perpetração como para a vitimização, a negociação (Perpetração: M=4.97; DP=1.417 e Vitimização: M=4.92; DP=1.414) é a estratégia mais reportada pelos participantes da amostra, seguida dos seguintes tipos de abuso: agressão psicológica (Perpetração: M=2.22; DP=1.871 e Vitimização: M=1.90; DP=1.763), coerção sexual (Perpetração: M=0.23; DP=0.743 e Vitimização: M=0.30; DP=0.790), abuso físico sem sequelas (Perpetração: M=0.52; DP=1.396 e Vitimização: M=0.35; DP=0.848) e, por último, abuso físico com sequelas (Perpetração: M=0.08; DP=0.538 e Vitimização: M=0.07; DP=0.537).

4.3.O abuso nas relações íntimas ocorre mais em reciprocidade do que em exclusividade (Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983; Straus & Gozjolko, 2007).

De acordo com os valores obtidos, pode-se observar que o abuso nas relações entre parceiros íntimos, na presente amostra, ocorre mais em reciprocidade do que em exclusividade, uma vez que os valores da perpetração e vitimização são aproximados, indicando uma prevalência idêntica de ambas (Tabela 13). Além disto, aquando da análise, a vitimização de todos os tipos de abuso mostrou-se correlacionada com a perpetração, mostrando uma equivalência entre ambas. O abuso físico sem sequelas foi a forma que mais se mostrou em paridade ($r=.876$, $p<.05$), comparando perpetração com vitimização, sendo aquele em que existe uma maior reciprocidade. Contudo todos os tipos de abuso apresentam correlações moderadas ($r=.333$) a elevadas ($r=.97$) (ver Anexo V, Tabela 15).

No que se refere ao tipo de abuso sofrido em função do sexo, é de salientar que, os participantes do sexo feminino da amostra são maioritariamente vítimas de agressão psicológica ligeira (M=2.01; DP=1.543), seguida de abuso físico sem sequelas ligeiro (M=.50; DP=1.007) (ver Anexo V, Tabela16). Por sua vez, os sujeitos do sexo masculino são mais alvos de agressão psicológica (M=1.73; DP=1.525), seguida de agressão psicológica severa (M=.33; DP=.631).

Por outro lado, no que concerne à perpetração (ver Anexo V, Tabela 17), a agressão psicológica ligeira (Feminino: M=1,68; DP=1.483 e Masculino: M=1.62; DP= 1.558) e o abuso físico sem sequelas ligeiro (Feminino: M=.37; DP=.882 e Masculino: M=.29; DP=.893) são os mais reportados pelos sujeitos de ambos os sexos como estratégias utilizadas

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

pelos próprios.

Da realização do teste *t* de student para amostras independentes (Tabela 18), registaram-se diferenças significativas em função da variável Sexo para a vitimização do abuso físico sem sequelas severo ($t_{(222)}=2.125$, $p=.035$, $d=.29$) e do abuso físico com sequelas ligeiro ($t_{(221)}=2.106$, $p=.036$, $d=.29$) e a perpetração do abuso físico com sequelas ligeiro ($t_{(219)}=2.106$, $p=.036$, $d=.29$) se mostraram estatisticamente significativas.

Nestas diferenças significativas, o feminino apresenta-se como o sexo que mais sofre abuso físico sem sequelas severo ($M=.12$; $DP=.713$) e abuso físico com sequelas ligeiro ($M=.06$; $DP=.303$), mas também é o mais perpetrador de abuso físico com sequelas ligeiro ($M=.06$; $DP=.304$).

Tabela 18. Teste *t* por variável sexo (CTS-2)

| | Vitimização | | Perpetração | |
|----------------------------------|--------------------|-------|--------------------|-------|
| | t (gl) | p | t (gl) | p |
| Abuso físico sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | -352 (283) | 0.725 | -727 (281) | 0.468 |
| Severo | 2.125 (222) | 0.035 | 1.761 | 0.080 |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | 2.106 (221) | 0.036 | 2.106 (219) | 0.036 |
| Severo | 0.727 (292) | 0.468 | 0.793 (291) | 0.428 |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | -427 (266) | 0.670 | -399 (264) | 0.690 |
| Severo | -1.365 (88.03) | 0.176 | -1.354 (83.089) | 0.179 |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | -1.161 (97.199) | 0.248 | -1.113 (286) | 0.910 |
| Severo | 0.799 (292) | 0.425 | 1.818 (220) | 0.070 |
| Negociação | | | | |
| Emocional | -086 (274) | 0.932 | 1.072 (273) | 0.285 |
| Cognitiva | 0.507 (266) | 0.613 | 0.034 (270) | 0.973 |

4.4. Há uma relação positiva significativa entre o consumo de álcool e outras drogas e a violência entre parceiros íntimos (Field, Caetano, & Nelson, 2004; Herrenkohl, Kosterman, Mason, & Hawkins, 2007; Hines & Straus, 2007; Kantor & Straus, 1987; Mignone, Klostermann, & Chen, 2009; Tumwesigye, Kyomuhendo, Greenfield, & Wanyenze, 2012)

A análise da correlação de Pearson (Tabela 19) permitiu verificar que o consumo de álcool e outras drogas está associado à cronicidade da violência entre parceiros íntimos em determinadas formas de abuso. Especificamente, o consumo de álcool (AUDIT) está correlacionado com a Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

vitimização de agressão psicológica ($r=.317$, $p=.000$), indo ao encontro da hipótese formulada. O consumo desta substância está ainda associado à perpetração de agressão psicológica e à vitimização de abuso físico sem sequelas e abuso físico com sequelas, apesar de apresentarem correlações fracas ($r=.208$, $p=.005$; $r=.220$, $p=.002$; $r=.127$, $p=.037$, respetivamente).

O consumo de outras substâncias, avaliado pelo DUDIT, mostra uma associação fraca à vitimização da agressão psicológica ($r=.144$, $p=.043$) e abuso físico sem sequelas ($r=.144$, $p=.024$), bem como à perpetração da agressão psicológica ($r=.194$, $p=.006$).

Tabela 19. Correlação (Pearson) entre cronicidade da violência na intimidade e consumos

| | AUDIT Total | DUDIT Total |
|-----------------------------------|-------------|-------------|
| Agressão psicológica Total | | |
| vitimização | | |
| r | 0.317 | 0.144 |
| Sig. | 0.000 | 0.043 |
| Agressão psicológica Total | | |
| perpetração | | |
| r | 0.208 | 0.194 |
| Sig. | 0.005 | 0.006 |
| Abuso físico sem sequelas | | |
| Total vitimização | | |
| r | 0.220 | 0.114 |
| Sig. | 0.002 | 0.024 |
| Abuso físico sem sequelas | | |
| Total perpetração | | |
| r | 0.135 | 0.095 |
| Sig. | 0.057 | 0.168 |
| Abuso físico com sequelas | | |
| Total vitimização | | |
| r | 0.127 | 0.040 |
| Sig. | 0.037 | 0.505 |
| Abuso físico com sequelas | | |
| Total perpetração | | |
| r | 0.073 | 0.026 |
| Sig. | 0.231 | 0.661 |
| Coerção sexual Total | | |
| vitimização | | |
| r | 0.117 | 0.037 |
| Sig. | 0.093 | 0.583 |
| Coerção sexual Total | | |
| perpetração | | |
| r | 0.110 | 0.048 |
| Sig. | 0.118 | 0.487 |

4.5. O consumo de álcool/droga revela-se mais severo em indivíduos que mantêm violência entre parceiros íntimos (Testa, Livingston, & Leonard, 2003; WHO, 2009).

A maioria dos participantes da amostra (90.7%), cerca de 264, encontra-se na zona I estabelecida pelo AUDIT, que se trata da zona de menor risco, referindo-se ao consumo de baixo risco ou abstinência. Os restantes 27 sujeitos (9.3%) situam-se na zona II, categoria caracterizada pela necessidade de advertência para o consumo de álcool em excesso. Desta forma, as zonas de risco mais elevado de consumo de álcool (III-zona caracterizada pela necessidade de advertência, de um breve aconselhamento e monitorização; IV-necessidade de referência a um especialista para diagnóstico e tratamento) não foram encontradas entre os participantes da amostra (ver Anexo VI, Tabela 20).

No que diz respeito ao consumo de outras drogas (ver Anexo VI, Tabela 21), são estabelecidas no DUDIT três categorias para caracterizar o seu consumo. Na presente amostra a maioria dos sujeitos (87.3%) tem um consumo de drogas sem perigo. Em contraste, cerca de 9 participantes (2.9%) inserem-se na categoria de dependência e os restantes 30 (9.8%) consomem drogas de forma abusiva.

De forma a analisar as categorias de consumos de álcool e outras drogas no que diz respeito à perpetração e vitimização de violência entre parceiros íntimos, foram realizados testes *one-way Anova*.

Quanto às categorias de consumo de álcool e perpetração dos diferentes tipos de abuso (ver Anexo VI, Tabela 22), existiram diferenças estatisticamente significativas na agressão psicológica ligeira ($F_{(1,246)}=4.245$, $p=.040$) e severa ($F_{(1,268)}=6.151$, $p=.014$) e coerção sexual ligeira ($F_{(1,268)}=10.351$, $p=.001$). Relativamente à vitimização (ver Anexo VI, Tabela 23), existem diferenças significativas igualmente na agressão psicológica ligeira ($F_{(1,248)}=8.602$, $p=.004$) e severa ($F_{(1,266)}=17.651$, $p=.000$) e coerção sexual ligeira ($F_{(1,270)}=15.149$, $p=.000$).

Por sua vez, as categorias do consumo de outras substâncias surgem com diferenças estatisticamente significativas na perpetração (ver Anexo VI, Tabela 24) de abuso físico sem sequelas ligeiro ($F_{(2,277)}=8.078$, $p=.000$) e agressão psicológica ligeira ($F_{(2,261)}=10.345$, $p=.000$). Com a vitimização também o abuso físico sem sequelas ligeiro ($F_{(2,279)}=6.887$, $p=.001$) e a agressão psicológica ligeira ($F_{(2,263)}=6.590$, $p=.002$) apresentam diferenças estatisticamente significativas (ver Anexo VI, Tabela 25).

Através da análise *Post-Hoc* (Tabela 26) percebe-se que na perpetração do abuso físico sem sequelas ligeiro apenas não existem diferenças significativas entre as categorias Sem Perigo (0) e Abuso (1), tal como se verifica também na vitimização.

Em relação à agressão psicológica ligeira, somente não existem diferenças significativas entre as categorias Abuso (1) e Dependência (2) tanto para a perpetração como para a vitimização.

Tabela 26. Análise *Post-Hoc Bonferroni* (Violência entre parceiros íntimos e DUDIT categorias)

| Cronicidade | DUDIT Categorias | DUDIT Categorias | Perpetração | Vitimização |
|----------------------------------|---------------------|---------------------|-------------|-------------|
| | | | p | p |
| Abuso físico sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | 0 | 1 | 1.000 | 0.398 |
| | | 2 | 0.000 | 0.002 |
| | 1 | 0 | 1.000 | 0.398 |
| | | 2 | 0.005 | 0.044 |
| | 2 | 0 | 0.000 | 0.002 |
| | | 1 | 0.005 | 0.044 |
| Agressão Psicológica | | | | |
| Ligeira | 0 | 1 | 0.001 | 0.005 |
| | | 2 | 0.013 | 0.178 |
| | 1 | 0 | 0.001 | 0.005 |
| | | 2 | 0.996 | 1.000 |
| | 2 | 0 | 0.013 | 0.178 |
| | | 1 | 0.996 | 1.000 |

4.6. Há diferenças de gênero na associação da violência na intimidade com o consumo de substâncias (álcool e drogas) (Curandi, Caetano, Clark, & Schafer, 1999 como citado em Fals-Stewart & Kennedy, 2005; Thompson, Sims, Kingree, & Windle, 2008)

Como ilustrado na tabela 27 existem algumas diferenças de gênero no que respeita à associação entre a violência entre parceiros íntimos e o consumo de substâncias (álcool e drogas).

O consumo de álcool aparece, no sexo feminino, associado com a vitimização do abuso físico sem sequelas ($r=.220$, $p=.002$) e da agressão psicológica ($r=.317$, $p=.000$) e com a perpetração de agressão psicológica ($r=.208$, $p=.005$) apesar de apenas a vitimização da agressão psicológica apresentar um valor de correlação mais forte. Já no sexo masculino, o consumo desta substância está correlacionado com a vitimização do abuso físico com sequelas ($r=.252$, $p=.043$), agressão psicológica ($r=.256$, $p=.043$) e coerção sexual ($r=.257$, $p=.037$).

No sexo feminino, o uso de outras drogas surge associado à vitimização de abuso físico sem sequelas ($r=.154$, $p=.024$) e agressão psicológica ($r=.144$, $p=.043$), embora com valores fracos de correlação. Por sua vez, estes consumos no sexo masculino associam-se apenas à perpetração de agressão psicológica ($r=.275$, $p=.026$).

Tabela 27. Correlação (Pearson) entre violência entre parceiros íntimos e consumos (álcool e drogas) por sexo

| Cronicidade | Feminino | | Masculino | |
|------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | DUDIT Total | AUDIT Total | DUDIT Total | AUDIT Total |
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Total Vitimização | | | | |
| r | 0.154 | 0.220 | 0.165 | 0.072 |
| p | 0.024 | 0.002 | 0.179 | 0.568 |
| Abuso físico sem sequelas | | | | |
| Total Perpetração | | | | |
| r | 0.095 | 0.135 | 0.209 | 0.126 |
| p | 0.168 | 0.057 | 0.085 | 0.315 |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Total Vitimização | | | | |
| r | 0.096 | 0.104 | -0.091 | 0.252 |
| p | 0.160 | 0.137 | 0.458 | 0.043 |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Total Perpetração | | | | |
| r | 0.072 | 0.123 | -0.031 | -0.113 |
| p | 0.296 | 0.080 | 0.803 | 0.364 |
| Agressão psicológica Total | | | | |
| Vitimização | | | | |
| r | 0.144 | 0.317 | 0.219 | 0.256 |
| p | 0.043 | 0.000 | 0.077 | 0.043 |
| Agressão psicológica Total | | | | |
| Perpetração | | | | |
| r | 0.195 | 0.208 | 0.275 | 0.213 |
| p | 0.006 | 0.005 | 0.026 | 0.097 |
| Coerção sexual Total | | | | |
| Vitimização | | | | |
| r | 0.037 | 0.117 | 0.032 | 0.257 |
| p | 0.583 | 0.093 | 0.792 | 0.037 |
| Coerção Sexual Total | | | | |
| Perpetração | | | | |
| r | 0.048 | 0.110 | -0.018 | 0.221 |
| p | 0.487 | 0.118 | 0.881 | 0.077 |

V - Discussão

O presente estudo procurou caracterizar a vivência prévia de violência e de consumos (álcool e drogas) dos participantes, de modo a identificar possíveis relações com o comportamento violento nas relações íntimas.

Os dados recolhidos mostram que a maioria dos participantes reporta ter sido raramente vítima de castigos físicos em casa e a prevalência do testemunho de violência entre os pais/cuidadores durante a infância/adolescência é igualmente baixa. Desta forma, o historial de violência na família de origem, que é apontado como fator de risco de Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

violência na intimidade (OMS, 2012), não adquire posição de relevo na presente amostra.

Posteriormente pretendia-se identificar a prevalência da violência entre parceiros íntimos numa amostra da população universitária e caracterizá-la em função da severidade e tipo de agressão. Os resultados indicam que a violência na intimidade é uma problemática vulgar entre os jovens universitários, uma vez que uma grande parte referenciou ter sido vítima e/ou perpetradora, corroborando o estudo de Machado, Caridade e Martins (2010). No que diz respeito ao tipo de abuso mais reportado na população universitária, os resultados obtidos na amostra em estudo apontam a agressão psicológica como a mais prevalente, tal como mencionado por Machado, Caridade e Martins (2010) e Scott e Straus (2007). Adicionalmente, os dados obtidos revelam que a agressão psicológica é, de igual forma, a mais crónica. Assim os sujeitos da amostra reportam mais atos de agressão psicológica e, igualmente, uma maior frequência da ocorrência da mesma entre aqueles que a praticam. Deste modo, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente e repetido entre a população universitária.

É de salientar que alguns autores defendem o carácter evolutivo da frequência e severidade da violência na intimidade, bem como a tendência de se iniciar no namoro e perpetuar-se no casamento (Duarte & Lima, 2006), mostrando a importância de não desvalorizar a existência da violência no namoro por ocorrer maioritariamente em formas menos severas.

Os níveis altos de prevalência das escalas de negociação existentes na presente amostra parecem corroborar a desaprovação da violência relatada na literatura por Glass et al. (2003). Existe o consentimento de certas formas de violência em determinadas situações (e.g. Henton, 1983), dado que usualmente são vistas como táticas válidas para a resolução de certos conflitos e há uma tendência para serem aceites e desculpabilizadas. Apesar desta aceitação da violência, pode concluir-se que existe também uma desaprovação da mesma, dada a grande utilização de estratégias de negociação.

Na amostra, emerge ainda a tendência para a violência nas relações íntimas ocorrer mais em reciprocidade do que em exclusividade (e.g. Straus & Gozjolko, 2007), uma vez que a perpetração e a vitimização se encontram positivamente associadas. Todavia, tal como encontrado em estudos anteriores (e.g. Thompson et al., 2008), registaram-se diferenças significativas em função da variável Sexo na vitimização do abuso físico sem sequelas severo e do abuso físico com sequelas ligeiro e a perpetração do abuso físico com sequelas ligeiro, sendo que estes fenómenos foram mais associados às mulheres do que aos homens. Desta forma o presente estudo evidencia que a violência entre parceiros íntimos, apesar de ocorrer mais em reciprocidade, pode ser perpetrada pela mulher contra o homem (e.g. Machado & Matos, 2012), ao invés de se tratar de um fenómeno unilateral cometido pelo homem contra a mulher. É ainda de salientar que a reciprocidade de padrões violentos na intimidade tem sido associada a casais mais jovens que experienciam baixos níveis de agressão física (e.g. Cantos, Neidig, & O'Leary, 1993), sendo importante ter em atenção o seu possível

carácter efémero e evolutivo para um padrão unilateral.

O estudo objetivou ainda estudar a relação entre os consumos de álcool e outras drogas e a violência entre parceiros íntimos. O uso destas substâncias é frequentemente associado ao aumento do risco de vitimização e/ou perpetração de violência (e.g. Bushman & Cooper, 1990; Hines & Straus, 2007; Testa, Livingston, & Leonard, 2003), sendo que na presente amostra o álcool e a marijuana são as substâncias que, maioritariamente, continuam a ser mais consumidas. Os resultados indicam, igualmente, que existe uma associação positiva entre a cronicidade de determinados tipos de violência entre parceiros íntimos e o consumo de substâncias. Assim, o uso de álcool constitui um maior fator de risco para vitimização de agressão psicológica e perpetração da mesma, do abuso físico sem sequelas e com sequelas. Por seu turno, o consumo de outras drogas constitui fator de risco para a vitimização de agressão psicológica e abuso físico sem sequelas e perpetração de agressão psicológica. De uma forma geral e confirmando a hipótese formulada e resultados encontrados em outros estudos (e.g. OMS, 2009), os dados apontam para uma maior probabilidade de experienciar violência entre parceiros íntimos quando existem consumos de substâncias. Ao nível das categorias de consumo de álcool, foram encontradas diferenças significativas na perpetração e vitimização da agressão psicológica ligeira e severa e coerção sexual ligeira, mostrando que a violência varia em função da severidade no consumo de álcool. Estes resultados corroboram a literatura que defende que a exposição à violência é aumentada pelo consumo severo de álcool (e.g. Chavira et al., 2011).

No que diz respeito ao consumo de outras substâncias, os resultados mostram diferenças na perpetração e vitimização de abuso físico sem sequelas ligeiro e agressão psicológica ligeira, indicando que a severidade do consumo de drogas varia consoante a existência de violência entre parceiros íntimos. Não foram encontradas diferenças apenas entre as categorias Sem Perigo e Abuso tendo em conta o abuso físico sem sequelas ligeiro, pelo que são mais suscetíveis à violência. Por outro lado, ao nível da agressão psicológica ligeira não existem diferenças entre as categorias Abuso e Dependência em função do consumo. Perante estes resultados podemos inferir que a severidade do consumo está associada ao tipo de violência, sendo que o abuso físico se associa mais ao consumo menos severo e a agressão psicológica ao consumo mais severo. Importa referenciar que o consumo de drogas pesadas (mais severo) se associa ao aumento da probabilidade de ocorrer violência na intimidade (e.g. Testa, Livingston, & Leonard, 2003), principalmente a agressão psicológica.

Em relação às diferenças de género na associação da violência na intimidade com o consumo de substâncias (álcool e drogas), os dados revelam que o consumo de álcool no sexo feminino está associado com a vitimização do abuso físico sem sequelas e agressão psicológica e com a perpetração de agressão psicológica. No sexo masculino está associado à vitimização do abuso físico com sequelas, agressão psicológica e coerção sexual. No consumo desta substância, o sexo masculino aparece mais associado a formas mais severas de violência do que o sexo feminino.

Relativamente ao consumo de outras drogas, este surge associado à vitimização de abuso físico sem sequelas e agressão psicológica no sexo feminino e à perpetração de agressão psicológica no sexo masculino. Os dados mostram, deste modo, que o sexo masculino está associado à perpetração de violência e o feminino à vitimização, tendo em conta o consumo de outras drogas.

Desta forma, existem diferenças de género na associação da violência quer com o álcool quer com outras drogas, corroborando a hipótese colocada (e.g. Thompson et al., 2008). No que respeita à perpetração de violência em relações de intimidade, o álcool aparece mais associado com o sexo feminino e o consumo de outras drogas com o sexo masculino, corroborando os resultados encontrados por Curandí et al. (1999) que mostraram que os casais em que a mulher experiencia consumos de álcool apresentam uma probabilidade mais elevada de vivenciar violência perpetrada pela mulher contra o homem.

VI - Conclusões

Dos dados obtidos na amostra em causa, os estudantes universitários portugueses mostram padrões elevados de violência na intimidade, maioritariamente a nível da agressão psicológica, de carácter recíproco e com tendência para aceitar determinadas formas de violência em algumas situações.

Em relação à associação de violência entre parceiros íntimos e consumo de substâncias (álcool e drogas), existe uma maior probabilidade de experienciar violência entre parceiros íntimos quando existem consumos de substâncias, sendo que a severidade destes consumos se mostrou associada à perpetração e vitimização de tipos específicos de abuso. Finalmente é ainda de salientar a existência de diferenças de género no que concerne à associação da violência na intimidade com os consumos de substâncias. O álcool aparece associado à vitimização de formas de violência mais severas no sexo masculino, sendo que a perpetração apenas se associa no sexo feminino no que respeita à agressão psicológica. No consumo de outras drogas o sexo masculino surge associado à perpetração de violência e o feminino à vitimização.

Posto isto, os dados obtidos realçam a importância do investimento na prevenção da violência entre parceiros íntimos junto dos jovens, bem como na intervenção quer na violência na intimidade quer no abuso de substâncias, uma vez que estes consumos constituem um fator de risco para a violência, quer na vitimização quer na perpetração.

Ao longo da realização do presente estudo foram surgindo algumas limitações, que justificam a realização de futuras investigações. Uma das limitações prende-se com o fato de não existir uma amostra clínica, nomeadamente no que diz respeito aos consumos de álcool e drogas. Além disto, a probabilidade de existirem respostas menos sinceras está aumentada, devido ao protocolo remeter para questões íntimas dos participantes e à tendência para desvalorizar a vitimização bem como, por outro lado, para adotar mais facilmente o papel da vítima do que de agressor. A maior Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

limitação do estudo diz respeito ao facto de ter sido realizado com uma amostra de conveniência, pelo que os resultados não são representativos dos estudantes universitários portugueses na sua generalidade.

Desta forma, seria interessante ponderar alguns ajustamentos a fazer em estudos futuros, de modo a obter mais dados e mais precisos acerca da relação entre violência entre parceiros íntimos e consumo de substâncias, problemática ainda pouco estudada e conhecida. Assim, seria interessante realizar estudos nos quais fosse possível incluir uma amostra clínica e uma amostra de controlo, uma vez que esta comparação pode providenciar uma melhor estimativa dos efeitos do consumo de substâncias na violência entre parceiros íntimos. Além disto, recolher a amostra de controlo num leque mais vasto de instituições do ensino superior e diferentes culturas com crenças distintas acerca do consumo de drogas seria uma mais valia para o estudo desta problemática.

Bibliografia

- Agante, D. (2009). *Comportamentos relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas durante as festas académicas nos estudantes de ensino superior*. Tese de Mestrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Ahrens, C. E., Isas, L., Rios-Mandel, L. C., & Lopez, M. C. (2010). Talking about interpersonal violence: Cultural influences on latinas' identification and disclosure of sexual assault and intimate partner violence. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 2(4), 284-295.
- Alexandra, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Barner, J. R., & Carney, M. M. (2011). Interventions for intimate partner violence: A historical review. *Journal of Family Violence*, 26, 235-244.
- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work*, 37(1), 21-27.
- Black, M. B., & Weisy, N. A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviors of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9(2), 187-206.
- Bushman, B. J., & Cooper, H. M. (1990). Effects of alcohol on human aggression: An integrative research review. *Psychological Bulletin*, 107(3), 341-354.
- Cantos, A. L., Neidig, P. H., & O'Leary, K. D. (1993). Men and women's attributions of blame for domestic violence. *Journal of Family Violence*, 8(4), 289-302.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(XXIV), 485-493.
- Chan, K. L., Straus, M. A., Brownridge, D. A., Tiwari, A., & Leung, W. C. (2008). Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female university students worldwide. *Journal of Family Violence*, 23(4), 305-314.
- Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

- Midwifery & Women's Health*, 53, 529-537.
- Chang, J. C., Dado, D., Hawker, L., Cluss, P. A., Buranosky, R. Slagel, L., McNeil, M., & Scholle, S. H. (2010). Understanding turning points in intimate partner violence: factors and circumstances leading women victims toward change. *Journal of Women's Health*, 19(2), 251-259.
- Chavira, C., Bazargan-Hejazi, S., Lin, J., Pino, H. E., & Bazargan, M. (2011). Type of alcohol drink and exposure to violence: An emergency department study. *J Community Health*, 36, 597-604.
- Claros, E., & Sharma, M. (2012). The relationship between emotional intelligence and abuse of alcohol, marijuana, and tabaco among college students. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 56(1), 8-37.
- Dermen, K. H., & George, W. H. (1987). Alcohol expectancy and the relationship between drinking and physical aggression. *The Journal of Pcsychology*, 123(2), 153-161.
- Downs, W. R., Miller, B. A., & Panek, D. E. (1993). Differential patterns of partner-to-women violence: a comparison of samples of community, alcohol-abusing, and battered women. *Journal of Family Violence*, 8(2), 113-135.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portuguesas. *Psychologica*, 43, 105-124.
- El-Bassel, N., Gilbert, L., Wu, E., Go, H., & Hill, J. (2005). Relationship between drug abuse and intimate partner violence: A longitudinal study among women receiving methadone. *American Journal of Public Health*, 95(3), 465-470.
- Fals-Stewart, W., & Kennedy, C. (2005). Addressing intimate partner violence in substance-abuse treatment. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 29, 5-17.
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: The role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(5), 373-385.
- Field, C. A., Caetano, R., & Nelson, S. (2004). Alcohol and violence related cognitive risk factors associated with the perpetration of intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 19(4), 249-253.
- Fleming, C. B., White, H. R., & Catalano, R. F. (2010). Romantic relationships and substance use in early adulthood: An examination of the influences of relationship type, partner substance use, and relationship quality. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2), 153-167.
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização* (N. Salgueiro). Loures: Lusociência. (Obra original publicada em 1996).
- Fowler, D. N. (2009). Screening for co-occurring intimate partner abuse and substance abuse: Challenges across service delivery systems. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 9, 318-339.
- Frazier, P. A., & Seales, L. M. (1997). Acquaintance rape is real rape. In M. Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

- D. Schwartz (Ed.), *Researching sexual violence against women* (pp. 54-64). Thousand Oaks: Sage.
- Friend, D. J., Bradley, R. P. C., Thatcher, R., & Gottman, J. M. (2011). Typologies of intimate partner violence: Evaluation of a screening instrument for differentiation. *Journal of Family Violence, 26*, 551-563.
- Gelles, R. J., & Straus, M. A. (1988). *Intimate Violence: The causes and consequences of abuse in the American family*. New York: A Touchstone Book.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues, 32*, 227-238.
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues, 4*(3), 467-482.
- Herrenkohl, T. I., Kosterman, R., Mason, W. A., & Hawkins, J. D. (2007). Youth violence trajectories and proximal characteristics of intimate partner violence. *Violence and Victims, 22*(3), 259-274.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2012). Alcohol and drug abuse in men who sustain intimate partner violence. *Aggressive Behavior, 38*, 31-46.
- Hines, D. A., & Straus, M. A. (2007). Binge drinking and violence against dating partners: The mediating effect of antisocial traits and behaviors in a multinational perspective. *Aggressive Behavior, 33*, 441-457.
- Hirschel, D., Hutchison, I. W., & Shaw, M. (2010). The interrelationship between substance abuse and the likelihood of arrest, conviction, and re-offending in cases of intimate partner violence. *Journal of Family Violence, 25*, 81-90.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *The Lancet, 359*, 1423-1429.
- Johnson, M. (2005). Domestic violence: It's not about gender – or it is? *Journal of Marriage and Family, 67*(5), 1126-1130.
- Johnson, M. (2006). Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence Against Women, 12*(11), 1003-1018.
- Kantor, G. K., & Jasinaki, J. L. (1997). *Out of the darkness: Contemporary perspectives on family violence* (Cap. 1, pp. 3-16). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kantor, G. K., & Straus, M. A. (1987). The “Drunken Bum” theory of wife beating. *Social Problems, 34*(3), 214-230.
- Kaya, Y., & Cook, K. J. (2010). A cross-national analysis of physical intimate partner violence against women. *International Journal of Comparative Sociology, 51*(6), 423-444.
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation among types of intimate partner violence: Research update and implications for interventions. *Family Court Review, 46*(3), 476-499.
- Klostermann, K., Kelley, M. L., Mignone, T., Pusateri, L., & Fals-Stewart, W. (2010). Partner violence and substance abuse: Treatment

- interventions. *Aggression and Violent Behavior*, 15, 162-166.
- Klostermann, K., Mignone, T., & Chen, R. (2009). Subtypes of alcohol and intimate partner violence: a latent class analysis. *Violence and Victims*, 24(5), 563-575.
- Krebs, C., Breiding, M. J., Browne, A., & Warner, T. (2011). The association between different violence experienced by women. *Journal of Family Violence*, 26, 487-500.
- Kuijpers, K. F., Knaap, L. M., & Winkel, F. W. (2012). Risk of revictimization of intimate partner violence: The role of attachment, anger and violent behavior of the victim. *Journal of Family Violence*, 27, 33-44.
- Leander, K. (2002). Preventing men's violence against women. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 106(412), 15-19.
- Leonard, K. E. (2002). Alcohol's role in domestic violence: a contributing cause or an excuse? *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 106(412), 9-14.
- Lindsay, J. (2012). The gendered trouble with alcohol: Young people managing alcohol related violence. *International Journal of Drug Policy*, 23, 236-241.
- Lipsky, S., Caetano, R., & Roy-Byrne, P. (2011). Triple jeopardy: impact of partner violence perpetration, mental health and substance use on perceived unmet need for mental health care among men. *Soc Psychiatr Epidemiol*, 46, 843-852.
- Machado, A., & Matos, M. (2012). Homens de quem não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. *Psiquiatria, Psicologia e Justiça*, 5, 5-28.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Marcus, R. F. (2012). Patterns of intimate partner violence in young adult couples: Nonviolent, unilaterally violent, and mutually violent couples. *Violence and Victims*, 27(3), 299-312.
- Melton, H. C. (2012). Stalking, intimate partner abuse, and the police. *The Open Criminology Journal*, 5, 1-7.
- Mignone, T., Klostermann, K., & Chen, R. (2009). The relationship between relapse to alcohol and relapse to violence. *Journal of Family Violence*, 24, 497-505.
- Murphy, C. M., & Ting, L. (2010). The effects of treatment for substance use problems on intimate partner violence: A review of empirical data. *Aggression and Violent Behavior*, 15, 325-333.
- Nabors, E. L., Dietz, T. L., & Jasinski, J. L. (2006). Domestic violence beliefs and perceptions among college students. *Violence and Victims*, 21(6), 779-795.
- Norris, S. M., Huss, M. T., & Palarea, R. E. (2011). A pattern of violence: Analyzing the relationship between intimate partner violence and

- stalking. *Violence and Victims*, 26(1), 103-114.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Parrott, D. J., Drobles, D. J., Saladin, M. E., Coffey, S. F., & Dansky, B. S. (2003). Perpetration of partner violence: Effects of cocaine and alcohol dependence and posttraumatic stress disorder. *Addictive Behaviors*, 28, 1587-1602.
- Pérez-Díaz, C. & Huré, M. S. (2011). Heavy drinking and the disposition of intimate partner violence cases in French courts. *Drug and Alcohol Review*, 30, 490-495.
- Quigley, B. M., & Leonard, K. E. (1999). Husband alcohol expectancies, drinking, and marital-conflict styles as predictors of severe marital violence among Newlywed couples. *Psychology of Addictive Behaviors*, 13(1), 49-59.
- Schneider, R., Burnette, M. L., Ilgen, M. A., & Timko, C. (2009). Prevalence and correlates of intimate partner violence victimization among men and women entering substance use disorder treatment. *Violence and Victims*, 24(6), 744-755.
- Scott, K., & Strau, M. (2007). Denial, minimization, partner blaming, and intimate aggression in dating partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(7), 851-871.
- Simons, L., Gwin, D., Brown, M., & Gross, J. (2008). Alcohol and other drug use among college students: Intimate partner violence and health-compromising behaviors. *Alcoholism Treatment Quarterly*, 26(3), 347-364.
- Smith, C. A., Elwyn, L. J., Ireland, T. O., & Thornberry, T. P. (2010). Impact of adolescent exposure to intimate partner violence on substance use in early adulthood. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 71, 219-230.
- Stalans, L. J., & Ritchie, J. (2008). Relationship of substance use/abuse with psychological and physical intimate partner violence: Variations across living situations. *Journal of Family Violence*, 29, 9-24.
- Stevens, S., Korchmaros, J. D., & Miller, D. (2010). A comparison of victimization and perpetration of intimate partner violence among drug abusing heterosexual partner violence among drug abusers heterosexual and lesbian women. *Journal of Family Violence*, 25, 639-649.
- Straus, M. A., & Gozjolko, K. L. (2007, junho) Intimate terrorism and injury of dating partners by male and female university students. *Stockholm Criminology Symposium*, Stockholm, Sweden.
- Swan, S. C., Gambone, L. J., Caldell, J. E., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2008). A review of research on women's use of violence with male intimate partners. *Violence and Victims*, 23(3), 301-314.

- Taft, C. T., Doron-LaMarca, S., Suvak, M. K., O'Farrell, T. J., Panuzio, J., Gagnon, D. R., & Murphy, C. M. (2010). Longitudinal risk factors for intimate partner violence among men in treatment for alcohol use disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 78*(6), 924-935.
- Testa, M., Livingston, J. A., & Leonard, K. E. (2003). Women's substance use and experiences of intimate partner violence: A longitudinal investigation among a community sample. *Addictive Behaviors, 28*, 1649-1664.
- Thompson, M. P., Sims, L., Kingree, J. B., & Windle, M. (2008). Longitudinal associations between problem alcohol use and violent victimization in a national sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health, 42*, 21-27.
- Tumwesigye, N. M., Kyomuhendo, G. B., Greenfield, T. K., & Wanyenze, R. K. (2012). *BMC Public Health, 12*, 399-409.
- Waller, M. W., Iritani, B. J., Flewelling, R. L., Christ, S. L., Halper, C. T., & Moracco, K. E. (2012). Violence victimization of young men in heterosexual relationships: does alcohol outlet density influence outcomes? *Violence and Victims, 27*(4), 527-544.
- Wiersma, J. D., Cleveland, H. H., Herrera, V., & Fischer, J. L. (2010). Intimate partner violence in young adult dating, cohabitating, and married drinking partnerships. *Journal of Marriage and Family, 72*(2), 360-374.
- Wilson-Cohn, C., Strauss, S. M., & Falkin, G. P. (2002). The relationship between partner abuse and substance use among women mandated to drug treatment. *Journal of Family Violence, 17*(1), 91-105.
- Wong, C. F., Weiss, G., Ayala, G., & Kipke, M. D. (2010). Harassment, discrimination, violence, and illicit drug use among young men who have sex with men. *AIDS Education and Prevention, 22*(4), 286-298.
- World Health Organization. (2006). *Intimate partner violence and alcohol*. Recuperado em 10 outubro, 2012, de http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/factsheets/fs_intimate.pdf
- World Health Organization. (2009). *Interpersonal violence and illicit drugs*. Recuperado em 10 outubro, 2012, de http://www.who.int/violenceprevention/interpersonal_violence_and_illicit_drug_use.pdf
- World Health Organization. (2012). *Intimate partner violence*. Recuperado em 10 outubro, 2012, de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO_RHR_12.36_eng.pdf

Anexo I – Análises de consistência interna

Tabela 3. CTS-2: Perpetração da violência entre parceiros íntimos

| Escala/Subescala | M (DP) | α |
|----------------------------------|--------------|----------|
| Abuso físico sem sequelas | 0.52 (1.396) | 0.827 |
| Abuso físico com sequelas | 0.08 (0.538) | 0.892 |
| Agressão psicológica | 2.22 (1.871) | 0.732 |
| Coerção sexual | 0.23 (0.743) | 0.716 |
| Negociação | 5.22 (1.478) | 0.848 |

Tabela 4. CTS-2: Vitimação da violência entre parceiros íntimos

| Escala/Subescala | M (DP) | α |
|----------------------------------|--------------|----------|
| Abuso físico sem sequelas | 0.45 (1.337) | 0.838 |
| Abuso físico com sequelas | 0.07 (0.537) | 0.903 |
| Agressão psicológica | 1.90 (1.763) | 0.714 |
| Coerção sexual | 0.30 (0.790) | 0.649 |
| Negociação | 5.20 (1.480) | 0.845 |

Tabela 5. DUDIT e AUDIT

| | M (DP) | α |
|--------------|--------------|----------|
| DUDIT | 0.58 (1.895) | 0.840 |
| AUDIT | 3.55 (7.325) | 0.712 |

Anexo II – Violência na infância

Tabela 6. Vitimação durante a infância ou adolescência por parte dos cuidadores

| | n | % |
|--|-----|------|
| Castigos físicos por mau comportamento em casa (N=310) | | |
| Não | 203 | 65.5 |
| Sim, pelo pai/cuidador | 13 | 4.2 |
| Sim, pela mãe/cuidadora | 31 | 10.0 |
| Sim, por ambos | 58 | 18.7 |
| Sim, por outros familiares | 5 | 1.6 |
| Frequência dos castigos físicos por mau comportamento em casa (N=108) | | |
| Raramente | 94 | 87.0 |
| Com grande frequência | 14 | 13.0 |
| Violência verbal com insultos e humilhações por parte do pai e/ou mãe ou cuidadores (N=309) | | |
| Não | 260 | 84.1 |
| Sim, mas raramente | 39 | 12.6 |
| Sim, com grande frequência | 10 | 3.2 |
| Realização de atos sexuais forçados (N=311) | | |
| Não | 307 | 98.7 |
| Ocasionalmente | 3 | 1.0 |
| Com grande frequência | 1 | 0.3 |
| Por quem foram realizados estes atos (N=307) | | |
| Familiares | 3 | 75.0 |
| Outros | 1 | 25.0 |

Tabela 7. Vitimação durante a infância ou adolescência por parte de professores ou outros educadores (N=309)

| | n | % |
|--|-----|------|
| Castigos físicos por mau comportamento na escola | | |
| Não | 271 | 87.7 |
| Sim, mas raramente | 35 | 11.3 |
| Sim, com grande frequência | 3 | 1.0 |
| Violência verbal com insultos e humilhações por parte de professores ou outros educadores | | |
| Não | 287 | 92.9 |
| Sim, mas raramente | 20 | 6.5 |
| Sim, com grande frequência | 2 | 0.6 |

Anexo III – Consumos e crenças dos participantes

Tabela 8. Consumos (atuais ou não) de substâncias

| | n | % |
|-----------------------------------|-----|------|
| Álcool (N=311) | | |
| Não | 61 | 19.6 |
| Sim | 250 | 80.4 |
| Haxixe (N=310) | | |
| Não | 278 | 89.7 |
| Sim | 32 | 10.3 |
| Marijuana (N=311) | | |
| Não | 274 | 88.1 |
| Sim | 37 | 11.9 |
| Ácidos (N=311) | | |
| Não | 307 | 98.7 |
| Sim | 4 | 1.3 |
| Heroína (N=311) | | |
| Não | 311 | 100 |
| Sim | 0 | 0 |
| Cocaína (N=2) | | |
| Não | 309 | 99.4 |
| Sim | 2 | 0.6 |
| Crack (N=311) | | |
| Não | 311 | 100 |
| Sim | 0 | 0 |
| Metadona (N=311) | | |
| Não | 311 | 100 |
| Sim | 0 | 0 |
| Anfetaminas (N=311) | | |
| Não | 311 | 100 |
| Sim | 0 | 0 |
| Sedativos (N=311) | | |
| Não | 310 | 99.7 |
| Sim | 1 | 0.3 |
| Tranquilizantes (N=311) | | |
| Não | 304 | 97.7 |
| Sim | 7 | 2.3 |
| Analgésicos (N=311) | | |
| Não | 287 | 92.3 |
| Sim | 24 | 7.7 |
| Cogumelos (N=311) | | |
| Não | 309 | 99.4 |
| Sim | 2 | 0.6 |
| Inalantes Sintéticos (N=2) | | |
| Não | 309 | 99.4 |
| Sim | 2 | 0.6 |
| Ecstasy (N=311) | | |

Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do ensino superior

Ana Ávila (e-mail:avila_ana18@hotmail.com) 2013

| | | |
|------------------------------|-----|------|
| Não | 309 | 99.4 |
| Sim | 2 | 0.6 |
| Outras drogas (N=311) | | |
| Não | 306 | 98.4 |
| Sim | 5 | 1.6 |

Tabela 9. A violência física ou verbal nas relações de casal é mais compreensível se o agressor estiver sob o efeito de determinadas substâncias - N = 308

| | n | % |
|------------------------|-----|------|
| Álcool | | |
| Nunca | 251 | 81.5 |
| Poucas Vezes | 20 | 6.5 |
| Algumas Vezes | 21 | 6.8 |
| Muitas Vezes | 14 | 4.5 |
| Sempre | 2 | 0.6 |
| Cannabis/Haxixe | | |
| Nunca | 254 | 82.5 |
| Poucas Vezes | 20 | 6.5 |
| Algumas Vezes | 18 | 5.8 |
| Muitas Vezes | 13 | 4.2 |
| Sempre | 3 | 1.0 |
| Anfetaminas | | |
| Nunca | 255 | 82.8 |
| Poucas Vezes | 20 | 6.5 |
| Algumas Vezes | 18 | 5.8 |
| Muitas Vezes | 11 | 3.6 |
| Sempre | 4 | 1.4 |
| Cocaína | | |
| Nunca | 253 | 82.1 |
| Poucas Vezes | 21 | 6.8 |
| Algumas Vezes | 18 | 5.8 |
| Muitas Vezes | 12 | 3.9 |
| Sempre | 4 | 1.3 |
| Crack | | |
| Nunca | 254 | 82.5 |
| Poucas Vezes | 21 | 6.8 |
| Algumas Vezes | 17 | 5.5 |
| Muitas Vezes | 12 | 3.9 |
| Sempre | 4 | 1.3 |
| Outra droga | | |
| Nunca | 253 | 82.1 |
| Poucas Vezes | 21 | 6.8 |
| Algumas Vezes | 18 | 5.8 |
| Muitas Vezes | 12 | 3.9 |
| Sempre | 4 | 1.3 |

Anexo IV – História familiar: violência e consumos

Tabela 10. Testemunho de violência entre pais/cuidadores

| | N | Percentagem % |
|---|-----|---------------|
| Abusos físicos com agressões (N=308) | | |
| Não | 280 | 90.9 |
| Sim, mas raramente | 25 | 8.1 |
| Sim, com grande frequência | 3 | 1.0 |
| Violência verbal (N=308) | | |
| Não | 202 | 65.6 |
| Sim, mas raramente | 78 | 25.3 |
| Sim, com grande frequência | 28 | 9.1 |
| Recusa em pagar despesas (N=308) | | |
| Não | 280 | 90.9 |
| Sim, mas raramente | 22 | 7.1 |
| Sim, com grande frequência | 6 | 1.9 |
| Agressão sexual (N=309) | | |
| Não | 308 | 99.7 |
| Sim, mas raramente | 1 | 0.3 |
| Sim, com grande frequência | 0 | 0 |
| Maus tratos de outro tipo (N=309) | | |
| Não | 302 | 97.7 |
| Sim, mas raramente | 4 | 1.3 |
| Sim, com grande frequência | 3 | 1.0 |

Tabela 11. Consumos do pai/cuidador

| | n | % |
|--|-----|------|
| Consumo de álcool (N=308) | | |
| Não | 177 | 57.5 |
| Sim, mas raramente | 94 | 30.5 |
| Sim, com grande frequência | 37 | 12.0 |
| Consumo de drogas (N=308) | | |
| Não | 299 | 97.1 |
| Sim, mas raramente | 4 | 1.3 |
| Sim, com grande frequência | 5 | 1.6 |
| Tipo de drogas consumidas (N=6) | | |
| Tabaco | 3 | 50.0 |
| Heroína | 1 | 16.7 |
| Medicação | 1 | 16.7 |
| Haxixe | 1 | 16.7 |

Tabela 12. Consumos da mãe/cuidadora

| | n | % |
|--|-----|------|
| Consumo de álcool (N=309) | | |
| Não | 264 | 85.4 |
| Sim, mas raramente | 35 | 11.3 |
| Sim, com grande frequência | 10 | 3.2 |
| Consumo de drogas (N=310) | | |
| Não | 307 | 99.0 |
| Sim, mas raramente | 0 | 0 |
| Sim, com grande frequência | 3 | 1.0 |
| Tipo de drogas consumidas (N=3) | | |
| Tabaco | 2 | 66.7 |
| Medicação | 1 | 33.3 |

Anexo V – Vitimização e perpetração

Tabela 14. Cronicidade (Média e Desvio Padrão) da violência no namoro, considerando a severidade na perpetração e vitimização

| | Perpetração | | Vitimização | |
|------------------------------------|-------------|-------------------|-------------|-------------------|
| | n | M (DP) | n | M (DP) |
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | 285 | 1.75 (5.856) | 283 | 1.31 (5.383) |
| Severo | 294 | 0.20 (1.622) | 293 | 0.28 (2.169) |
| Total | 285 | 1.96 (6.258) | 283 | 1.61 (5.948) |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | 292 | 0.07 (0.585) | 291 | 0.11 (1.493) |
| Severo | 294 | 0.11 (1.493) | 293 | 0.03 (0.33) |
| Total | 292 | 0.18 (1.637) | 290 | 0.10 (0.749) |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | 268 | 9.04 (14.109) | 266 | 7.38 (2.173) |
| Severo | 286 | 1.63 (5.176) | 288 | 1.43 (5.311) |
| Total | 266 | 10.56 (16.816) | 263 | 8.75 (14.198) |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | 290 | 2.33 (7.274) | 288 | 2.73 (7.866) |
| Severo | 294 | 0.03 (0.329) | 291 | 0.04 (0.355) |
| Total | 290 | 2.36 (7.286) | 287 | 2.78 (7.887) |
| Negociação | | | | |
| Emocional | 275 | 48.04 (23.958) | 275 | 46.92 (23.821) |
| Cognitiva | 268 | 27.78 (16.5) | 272 | 26.61 (16.226) |
| Total | 264 | 75.72 (38.104) | 267 | 73.53 (37.719) |

Tabela 15. Correlação entre vitimização e perpetração (Pearson correlation), considerando o total

| Vitimização | Perpetração | | | |
|----------------------------------|----------------------|---------------------------|----------------|---------------------------|
| | Agressão psicológica | Abuso Físico sem sequelas | Coerção Sexual | Abuso físico com sequelas |
| Agressão psicológica | | | | |
| r | 0.883 | 0.522 | 0.333 | 0.367 |
| p | 0.000 | 0.000 | 0.000 | 0.000 |
| Abuso físico sem sequelas | | | | |
| r | 0.457 | 0.876 | 0.585 | 0.772 |
| p | 0.000 | 0.000 | 0.000 | 0.000 |
| Coerção sexual | | | | |
| r | 0.363 | 0.631 | 0.834 | 0.723 |
| p | 0.000 | 0.000 | 0.000 | 0.000 |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| r | 0.336 | 0.773 | 0.716 | 0.970 |
| p | 0.000 | 0.000 | 0.000 | 0.000 |

Tabela 16. Análise da prevalência da vitimização da violência na intimidade por sexo (CTS-2)

| | Feminino | | Masculino | |
|----------------------------------|----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | N | M (DP) | N | M (DP) |
| Abuso físico sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | 216 | 0.50 (1.007) | 69 | 0.20 (0.677) |
| Severo | 223 | 0.12 (0.713) | 71 | 0.00 (0.000) |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | 222 | 0.06 (0.303) | 70 | 0.00 (0.000) |
| Severo | 223 | 0.04 (0.383) | 71 | 0.00 (0.000) |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | 201 | 2.01 (1.543) | 66 | 1.73 (1.525) |
| Severo | 216 | 0.28 (0.645) | 70 | 0.33 (0.631) |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | 221 | 0.17 (0.508) | 69 | 0.32 (0.606) |
| Severo | 223 | 0.04 (0.378) | 71 | 0.00 (0.000) |

Tabela 17. Análise da prevalência da perpetração da violência na intimidade por sexo (CTS-2)

| | Feminino | | Masculino | |
|------------------------------------|----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | N | M (DP) | N | M (DP) |
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | 214 | 0.37 (0.882) | 69 | 0.20 (0.677) |
| Severo | 222 | 0.11 (0.697) | 71 | 0.00 (0.000) |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | 220 | 0.06 (0.303) | 70 | 0.00 (0.000) |
| Severo | 223 | 0.04 (0.378) | 71 | 0.00 (0.000) |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | 201 | 1.68 (1.483) | 66 | 1.73 (1.525) |
| Severo | 217 | 0.23 (0.577) | 70 | 0.33 (0.631) |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | 219 | 0.28 (0.630) | 69 | 0.22 (0.449) |
| Severo | 221 | 0.05 (0.390) | 71 | 0.00 (0.000) |

Anexo VI – Consumos e violência entre parceiros íntimos

Tabela 20. Análise descritiva do consumo de álcool (AUDIT)

| | N | % |
|----------------|-----|------|
| Consumo | | |
| Zona I | 264 | 90.7 |
| Zona II | 27 | 9.3 |

Tabela 21. Análise descritiva do consumo de outras substâncias (DUDIT)

| | N | % |
|----------------|-----|------|
| Consumo | | |
| Sem Perigo | 268 | 87.3 |
| Abuso | 30 | 9.8 |
| Dependência | 9 | 2.9 |

Tabela 22. One-way Anova por categorias de consumo de álcool (AUDIT) – Perpetração de violência entre parceiros íntimos (CTS-2)

| Cronicidade | | gl | F | p |
|------------------------------------|-------------|-----|--------|-------|
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 1 | 2.891 | 0.090 |
| | Intergrupos | 263 | | |
| Severo | Intragrupos | 1 | 0.270 | 0.604 |
| | Intergrupos | 273 | | |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 1 | 0.001 | 0.979 |
| | Intergrupos | 271 | | |
| Severo | Intragrupos | 1 | 0.200 | 0.655 |
| | Intergrupos | 273 | | |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 1 | 4.245 | 0.040 |
| | Intergrupos | 246 | | |
| Severo | Intragrupos | 1 | 6.151 | 0.014 |
| | Intergrupos | 268 | | |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 1 | 10.351 | 0.001 |
| | Intergrupos | 268 | | |
| Severo | Intragrupos | 1 | 0.332 | 0.565 |
| | Intergrupos | 271 | | |

Tabela 23. One-way Anova por categorias de consumo de álcool (AUDIT) – Vitimização de violência entre parceiros íntimos (CTS-2)

| Cronicidade | | | gl | F | p |
|------------------------------------|-------------|--|-----|--------|-------|
| Abusos físicos sem sequelas | | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | | 1 | 7.463 | 0.007 |
| | Intergrupos | | 265 | | |
| Severo | Intragrupos | | 1 | 0.086 | 0.770 |
| | Intergrupos | | 274 | | |
| Abuso físico com sequelas | | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | | 1 | 0.001 | 0.977 |
| | Intergrupos | | 272 | | |
| Severo | Intragrupos | | 1 | 0.165 | 0.685 |
| | Intergrupos | | 274 | | |
| Agressão psicológica | | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | | 1 | 8.602 | 0.004 |
| | Intergrupos | | 248 | | |
| Severo | Intragrupos | | 1 | 17.651 | 0.000 |
| | Intergrupos | | 266 | | |
| Coerção sexual | | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | | 1 | 15.149 | 0.000 |
| | Intergrupos | | 270 | | |
| Severo | Intragrupos | | 1 | 0.199 | 0.656 |
| | Intergrupos | | 274 | | |

Tabela 24. One-way Anova por categoria de consumo de outras drogas (DUDIT) – Perpetração de violência entre parceiros íntimos (CTS-2)

| Cronicidade | | gl | F | p |
|------------------------------------|-------------|-----|--------|-------|
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 8.078 | 0.000 |
| | Intergrupos | 277 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 0.010 | 0.990 |
| | Intergrupos | 287 | | |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 0.238 | 0.788 |
| | Intergrupos | 285 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 1.718 | 0.181 |
| | Intergrupos | 287 | | |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 10.345 | 0.000 |
| | Intergrupos | 261 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 0.062 | 0.940 |
| | Intergrupos | 282 | | |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 0.507 | 0.603 |
| | Intergrupos | 282 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 1.628 | 0.198 |
| | Intergrupos | 285 | | |

Tabela 25. One-way Anova por categoria de consumo de outras drogas (DUDIT) – Vitimização de violência entre parceiros íntimos (CTS-2)

| Cronicidade | | gl | F | p |
|------------------------------------|-------------|-----|-------|-------|
| Abusos físicos sem sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 6.887 | 0.001 |
| | Intergrupos | 279 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 0.219 | 0.803 |
| | Intergrupos | 288 | | |
| Abuso físico com sequelas | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 0.240 | 0.787 |
| | Intergrupos | 286 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 0.023 | 0.978 |
| | Intergrupos | 288 | | |
| Agressão psicológica | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 6.590 | 0.002 |
| | Intergrupos | 263 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 0.436 | 0.647 |
| | Intergrupos | 280 | | |
| Coerção sexual | | | | |
| Ligeiro | Intragrupos | 2 | 0.867 | 0.421 |
| | Intergrupos | 284 | | |
| Severo | Intragrupos | 2 | 1.726 | 0.180 |
| | Intergrupos | 288 | | |